



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI
CURSO DE JORNALISMO

**POR UM “BOM DIA” E “BOA NOITE” PARA TODOS:
UM ESTUDO SOBRE O ACESSO À INFORMAÇÃO PARA O SURDO
ATRAVÉS DO TELEJORNALISMO**

Vanessa Massoni

Lajeado, dezembro de 2019

Vanessa Massoni

**POR UM “BOM DIA” E “BOA NOITE” PARA TODOS:
UM ESTUDO SOBRE O ACESSO À INFORMAÇÃO PARA O SURDO
ATRAVÉS DO TELEJORNALISMO**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Curso II, do Curso de Jornalismo, da Universidade do Vale do Taquari – Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de Bacharela em Jornalismo.

Orientador: Prof. Ms. Marcus Staudt

Lajeado, dezembro de 2019

RESUMO

O bom dia e boa noite dado pelos âncoras ao iniciarem um telejornal se tornou uma marca para a imagem do telejornalismo. Porém, a fala só se torna um ícone para quem consegue ouvi-la e compreendê-la. A televisão está presente em aproximadamente 95% dos domicílios do Brasil, conforme o IBGE (2010). O censo do IBGE (2010) também informa que 2 milhões de pessoas possuem uma perda auditiva grave. Dessa forma, é perceptível que ela ainda é um meio de comunicação relevante e presente no dia a dia dos brasileiros. Diante disso, investigar como acontece o acesso à informação de qualidade e independente, através do telejornalismo para os surdos se torna imprescindível. A pesquisa qualitativa, que é também descritiva, baseou-se em materiais bibliográficos e análise documental. Mediante uma análise de conteúdos midiáticos nos meses de setembro de 2018 e setembro de 2019 dos programas telejornalísticos Jornal do Almoço (RBS TV) e Jornal da Cultura (TV Cultura) e por meio de um questionário aplicado via online para surdos frequentadores da Associação de Surdos de Lajeado (Asla) conclui-se que este grupo possui dificuldades e necessidades encontradas no acesso à informação, por meio de televisão e para que possam se informar de forma independente e satisfatória, garantindo seus direitos, as emissoras precisam disponibilizar os dois recursos: *closed caption* e a janela de Libras, dando a opção de escolha para o indivíduo.

Palavras-chave: Televisão. Telejornalismo. Acessibilidade. Surdez. Libras.

ABSTRACT

The good morning and good night which are given by the news anchors when they start the news has become a mark for the image of television news. However, speech only becomes an icon for those who can hear and understand it. According to IBGE (2010), television is present in approximately 95% of Brazilian households. The INGE census (2010) also reports that 2 million people have a severe hearing loss. Thus, it is noticeable that it is still a relevant means of communication in the daily life of Brazilians. In this context, investigating how access to quality and independent information happens through telejournalism for the deaf becomes essential. Qualitative research, which is also descriptive, was based on bibliographic materials and document analysis. Through an analysis of media content in the months of September 2018 and September 2019 of the television news programs *Jornal do Almoço* (RBS TV) and *Jornal da Cultura* (TV Cultura) and through a questionnaire which applied online to deaf people attending the Deaf Association of Lajeado (Asla) it is concluded that this group has difficulties and needs in accessing information through television. Therefore, to be able to independently and satisfactorily inform themselves, guaranteeing their rights, broadcasters need to make available both resources of closed caption and pounds giving the option of choice to the individual.

Keywords: Television. Telejournalism. Accessibility. Deafness. Pounds.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sintetização da história da televisão	21
Figura 2 – Convite para questionário em Libras para comunidade surda	63
Figura 3 - Imagem em grande plano	65
Figura 4 – Entrevista em plano médio	66
Figura 5 – Uso de caracteres durante nota coberta	67
Figura 6 – Utilização de caracteres em matéria audiovisual	69
Figura 7 – Repórter inicia matéria com intérprete de Libras ao fundo.....	71
Figura 8 – Intérprete de Libras localiza-se no canto inferior direito	71
Figura 9 – A intérprete faz a tradução do que o surdo está falando.....	72
Figura 10 – Vídeo na vertical mostra crianças surdas falando sobre Libras	73
Figura 11 – A reportagem é finalizada com uma imagem em contra-plongée	74
Figura 12 – Caracteres ilustram a fala de um entrevistado	79
Figura 13 – No canto inferior direito da tela é possível configurar a qualidade do vídeo	81
Figura 14 – <i>Youtuber</i> fala em Libras durante reportagem	83
Figura 15 – Nove programas e cinco desenhos infantis possuem interpretação em Libras na TV Cultura	84
Figura 16 – Matéria mostra como é a gravação da interpretação em Libras	84
Figura 17 – Dublagem foi feita por outro intérprete	85

Figura 18 – No canto inferior direito da tela esta a janela de Libras.....	86
Figura 19 – Uma legenda oculta pode ser acionada	87
Figura 20 – Dados são ilustrados na tela com caracteres.....	88
Figura 21 – A expressão “boa tarde” é substituída pela palavra “batalhão” na legenda oculta	89
Figura 22 – Janela de Libras do JC1 dá espaço ao intérprete de discurso do presidente	91
Figura 23 – Interpretação em Libras do conto “A gata que entrou em casa”	92
Figura 24 – Gráfico com resultados das respostas obtidas no formulário do Google	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro de sistematização	100
Quadro 2 – Perfil dos respondentes	101

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANATEL -	Agência Nacional de Telecomunicações
ANCINE -	Agência Nacional do Cinema
ARCADA -	Associação Regional dos Colaboradores e Amigos dos Deficientes Auditivos de Lajeado
ASLA -	Associação de Surdos de Lajeado/RS
ASL -	Língua de Sinais Americana
BBC -	British Broadcasting Corporation
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
CAS -	Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às pessoas com Surdez
DUDH -	Declaração Universal dos Direitos Humanos
FENAJ -	Federação Nacional dos Jornalistas
INTERCOM -	Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
JA -	Jornal do Almoço
JC1 -	Jornal da Cultura 1ª edição
JN -	Jornal Nacional
LIBRAS -	Língua Brasileira de Sinais
MEC -	Ministério da Educação
NBC -	National Broadcasting Corporation
NTSC -	National Television Committee
ONU -	Organização das Nações Unidas
RBS TV -	Rede Brasil Sul de Televisão
RCA -	Radio Corporation of America

RS -	Rio Grande do Sul
TV -	Televisão

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Objetivos	14
1.1.1 Objetivo Geral	14
1.1.2 Objetivos Específicos	15
1.2 Justificativa.....	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1 Da corrente elétrica à televisão.....	17
2.1.1 A televisão no Brasil	23
2.1.2 Telejornalismo	27
2.1.3 Televisão pública	33
2.2 Acessibilidade e Surdez	35
2.2.1 A trajetória histórica da comunidade surda e a Libras	42
2.2.2 Produção jornalística inclusiva.....	46
2.3 Teoria do Newsmaking	49
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	53
4 CONTEXTUALIZAÇÃO	58
4.1 As emissoras	58
4.1.1 Rede Brasil Sul de Televisão (RBS TV)	58
4.1.2 TV Cultura	59
4.2 Associação de Surdos de Lajeado/RS (Asla)	60
5 DESCRIÇÃO DOS MATERIAIS MIDIÁTICOS	64
5.1 Jornal do Almoço RBS TV	64
5.1.1 Edição de 24 de setembro de 2018	64
5.1.2 Edição de 25 de setembro de 2018	67
5.1.3 Edição de 26 de setembro de 2018	69
5.1.4 Edição de 27 de setembro de 2018	76
5.1.5 Edição de 28 de setembro de 2018	77
5.1.6 Edição de 29 de setembro de 2018	79
5.2 Jornal da Cultura - TV Cultura.....	81
5.2.1 Edição de 23 de setembro de 2019	82

5.2.2 Edição 24 de setembro de 2019	86
5.2.3 Edição de 25 de setembro de 2019	90
5.2.4 Edição de 26 de setembro de 2019	90
5.2.5 Edição dia 27 de setembro de 2019	93
 6 ANÁLISE DOS CONTEÚDOS MÍDIÁTICOS	 94
6.1 Percepções dos questionários	101
 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 105
 REFERÊNCIAS.....	 109
 APÊNDICE.....	 115
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO	116

1 INTRODUÇÃO

Por um “bom dia” e “boa noite” para todos. Estas são as saudações iniciais que caracterizam este trabalho. O “bom dia” e “boa noite” dado pelos âncoras ao iniciarem um telejornal se tornou uma marca para a imagem do telejornalismo. Ao escutarmos, por exemplo, a vinheta do Jornal Nacional¹ exibido pela Rede Globo, sabemos que em seguida seremos cumprimentados pelos apresentadores. Porém, a fala só se torna um ícone para quem consegue ouvi-la e compreendê-la.

A televisão é um item presente em praticamente todas as casas brasileiras. É por ela que cerca de 95% dos domicílios do país se informam, segundo o Censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Paralelo a isso, conforme uma estimativa de população feita pelo IBGE (2010)², somos mais de 208 milhões de pessoas no Brasil e 9,7 milhões têm deficiência auditiva. Destes, 344,2 mil são surdos totais.

A pesquisa do IBGE (2010) também informa que 2 milhões de pessoas possuem uma perda auditiva grave, 1,7 milhões têm profunda dificuldade para ouvir e ainda, 7,5 milhões possuem algum tipo de dificuldade para ouvir.

¹ Conforme Bonner (2009), o Jornal Nacional “é um programa jornalístico de televisão. Por ser jornalístico, apresenta temas comuns aos jornais impressos, aos programas jornalísticos de rádio, aos sites de internet voltados para notícias e em, parte, às revistas semanais de informação” (BONNER, 2009, p. 13). Tudo isso, segundo Bonner (2009), é apresentado com texto claro, ilustrado com imagens.

² Os dados apresentados podem ser encontrados na matéria publicado pelo portal G1 no dia 27/04/2012, pelo link: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/04/239-dos-brasileiros-declaram-ter-alguma-deficiencia-diz-ibge.html>. Além deste, outros dados coletados pelo IBGE podem ser verificados no site:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf.

Com base nas leituras prévias sobre o tema a que o estudo diz respeito, percebe-se que na sociedade a televisão, ainda é um meio de comunicação relevante e muito presente nos lares. Sendo que na grade de programação habitual de televisões comerciais, não são exibidos conteúdos adaptados para surdos.

Dessa forma, supõe-se que os surdos enfrentam dificuldades para obter informação de forma independente, ou seja, precisam buscar ajuda para informar-se. Entende-se também que os surdos são afastados do mundo dos ouvintes, tendo que adaptar a maneira de apropriar-se dos acontecimentos diários.

Assim, cria-se um entendimento de que há o mundo ouvinte e o mundo surdo. Uma linha invisível se forma entre as empresas jornalísticas (ouvintes) e o mundo surdo, barrando interações inclusivas. Algo que é perceptível, porém mascarado.

Existem alguns dispositivos que podem ser utilizados pelo surdo para informar-se pela televisão, como é o caso do *Closed Caption* ou legenda oculta. No entanto, nota-se que ela não é suficiente, pois para que o entendimento seja adequado, é preciso entender o que está sendo dito e o indivíduo precisa ser alfabetizado também em língua portuguesa.

Além disso, o *Closed Caption* é uma legenda automática, que passa rapidamente, no canto inferior da tela da televisão. As falas dos locutores são descritas em frases de forma contínua, mesmo que não seja mais o mesmo orador. Assim, o surdo não consegue identificar com clareza qual é a fala de cada indivíduo, consequentemente, não compreendendo a mensagem.

Ressalta-se que as expressões faciais são prejudicadas, se compararmos a legenda oculta com a Língua Brasileira de Sinais (Libras), afetando assim o entendimento das entonações e significados complementares daquilo que está sendo dito. Ainda, em determinados momentos, percebe-se que o *Closed Caption* é repassado ao telespectador com erros ortográficos, ou seja, não dá segurança de que o texto é fidedigno com o que está sendo transmitido.

Na atualidade, e conforme dados apresentados nesta introdução, podemos considerar a televisão como um dos principais meios de comunicação. Porém, mesmo diante de sua importância, percebe-se que a TV não possui uma linguagem capaz de ser compreendida por todos. Esta é uma constatação preocupante, uma vez que o jornalismo feito nas emissoras e praticado nos telejornais, não cumpre com sua função essencial, já que provoca a desinformação, direta e indireta, por parte da minoria, que precisa ficar à espera de informações providas de terceiros, que assistiram ou leram as notícias. Além disso, um cenário de desinformação independente pode ser visualizado, visto que esta minoria pode simplesmente desconhecer os fatos ocorridos, sem ter oportunidade de compreendê-los.

Assim, a pesquisa se justifica ao constatar uma injustiça social diária. Inicialmente demonstrada também pela precária evolução do ser humano como capaz de respeitar as diferenças e desenvolver tecnologias inclusivas. Para o desenvolvimento da pesquisa, será necessário examinar as obras dos principais autores clássicos que discorrem sobre o tema. Entre eles, a jornalista Vera Paternostro (1999); o professor Sebastião Squirra (2004); Pierre Bourdieu (1997); Hérodoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima (2002). Além destes, autores que discorrem sobre metodologia também serão consultados. Artigos e periódicos também compõem o referencial teórico para embasar esta investigação.

No primeiro capítulo, “Da corrente elétrica à televisão” iremos explicar quais foram os acontecimentos históricos que possibilitaram que a televisão existisse. Neste trecho faremos uma linha do tempo para facilitar a compreensão dos fatos.

Após, o subcapítulo “A televisão no Brasil” apresenta quais foram os responsáveis pela implementação de emissoras no país, assim como evidenciaremos as contradições que rodeiam a primeira transmissão de imagens feita no Brasil. O seguinte subcapítulo “Telejornalismo” irá abordar os conceitos de jornalismo, no vídeo, assim como o papel da televisão e dos jornalistas. Incluiremos formas de produção e edição textual para conteúdo telejornalístico. Após, o subcapítulo “Televisão Pública” explica quais são os fundamentos e deveres de uma televisão da vertente pública.

O segundo capítulo “Acessibilidade e Surdez” trará os conceitos e explicações dos diferentes graus de surdez. Abordará também as discussões de definições de surdez patológicas ou culturais. Além disso, será exposto o que é acessibilidade, quais são os direitos e deveres dos cidadãos, assim como dos jornalistas. Seguindo o raciocínio apresentado no capítulo anterior, traremos logo após, no subcapítulo “A trajetória histórica da comunidade surda e a Libras”, a oficialização da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Neste trecho, apresentaremos também a história dos surdos.

No subcapítulo “Produção telejornalística inclusiva”, abordam-se formas dos profissionais de comunicação agirem para alcançar resultados favoráveis ao público surdo, para que possam assistir e compreender o que é exibido na tela. Em seguida o capítulo “Teoria do Newsmaking” exemplifica o que é esta teoria, qual sua importância e como ela surgiu.

No terceiro capítulo “Procedimentos metodológicos” iniciaremos a apresentação sobre como a pesquisa irá ocorrer e que possibilitarão o desenvolvimento do trabalho. Após, a contextualização e a análise, irão evidenciar os cruzamentos de dados coletados a partir da historização das discussões e questionários.

Partindo da premissa e do conceito de acessibilidade, que visa direitos iguais entre as pessoas e que por sua vez, entende que a comunicação deve abranger a todos para que mantenham-se informados, problematiza-se a pesquisa: Como a comunidade surda é contemplada pelos veículos de comunicação na recepção de conteúdos, exibidos pelos telejornais?

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

O principal objetivo deste estudo é investigar como acontece o acesso à informação de qualidade e independente, através do telejornalismo para os surdos.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Analisar como os conteúdos telejornalísticos, apresentados nos programas Jornal do Almoço da RBS TV e Jornal da Cultura da TV Cultura, usam recursos de inclusão para surdos.

- Observar formas e hábitos de consumo televisivo pelos surdos da Associação de Surdo de Lajeado (Asla).

- Identificar dificuldades e necessidades dos surdos da Asla no acesso à informação através do telejornalismo.

1.2 Justificativa

A falta de pesquisas sobre o assunto e a escassez de programas televisivos na TV aberta que disponibilizem um intérprete de Libras para que os surdos possam obter acesso ao que está sendo veiculado, dá relevância acadêmica a este estudo.

No âmbito profissional, este estudo poderá mostrar aos jornalistas que atuam em televisão novas formas de trabalhar a inclusão, abrindo espaço para discussões sobre a fonética das palavras, a qualidade visual, assim como o enquadramento das imagens, por exemplo. Além disso, mediante a falta de trabalhos científicos sobre o assunto, é possível supor que durante a formação acadêmica, os estudantes têm pouco ou nenhum contato com o tema abordado, prejudicando uma visão de mundo que acolha todos, assim como suas diferenças. Dessa forma, é visto que é necessário pensar a comunicação também para surdos. Durante a vida acadêmica, no jornalismo, é lembrado a todo momento a importância de comunicar com qualidade, sem ruído e com uma linguagem que possa ser entendida por todos. O trabalho também poderá evidenciar a ironia que perpassa o fato de que comunicamos fatos, de forma jornalística, mas só o fizemos para ouvintes.

Este trabalho tem o intuito de identificar a maneira como os surdos se informam atualmente. Ao pensar a comunicação para este grupo, poderemos mudar, minimamente, pensamentos de uma pequena parcela de jornalistas e estudiosos, que supostamente irão levar os conceitos e análises trazidos aqui para suas vidas profissionais, aumentando o número de pessoas que passarão a refletir na acessibilidade e inclusão dos surdos. Ademais, uma programação televisiva acessível pode aumentar o conhecimento dos surdos, acrescentando saberes e cultura às suas vivências e integrando, ouvintes ou não, gradativamente.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para embasar o objetivo principal desta pesquisa, investigar o acesso à informação de qualidade e independente, através do telejornalismo para os surdos, emprega-se as concepções de autores que discorrem sobre os temas de acessibilidade, telejornalismo e televisão, assim como códigos e leis já publicadas. Aqui estão as ideias da autora e jornalista Vera Paternostro (1999); do professor Sebastião Squirra (2004); Pierre Bourdieu (1997); Hérodoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima (2002), entre outros autores de artigos e periódicos que abordam o assunto desta pesquisa. Para tanto, este referencial teórico também irá definir o que é surdez e quais as implicações que esta limitação traz.

A seguir, inicia-se o uso da temática televisão, explorando todas as tecnologias e descobertas que evoluíram para a TV até explicações de como ela insere-se entre a população.

2.1 Da corrente elétrica à televisão

Neste subcapítulo iremos compreender como a televisão surgiu, em um primeiro momento no mundo e após, no Brasil. Para isso é necessário revisitar o passado e conhecer cientistas e pesquisadores que, descobriram e inventaram aparatos, que foram evoluindo com o passar dos anos.

As pesquisas e descobertas ocorreram em diferentes datas, por isso, traça-se uma espécie de linha do tempo, na qual serão lembradas as principais criações. Já que até a origem do aparelho televisor e suas linguagens, outros importantes acontecimentos tornaram-se realidade e são os mecanismos que deram forma ao que se tem hoje como televisão.

Conforme Jesus e Resende (2013) a televisão originou-se de outros dois meios de comunicação, o cinema e o rádio. Isto, porque a televisão pode operar da

mesma forma que o rádio, através de ondas de emissão e o cinema, porque trabalha também com imagens e sons. O que ocorre é que o aparelho televisor recebe as ondas, transformando-as em sons e imagens.

De acordo com Paternostro (1999, p. 22), em 1817 o químico sueco *Jakob Berzelius*, descobriu que a corrente elétrica modificava o selênio, o que tornou possível a utilização da eletricidade em outros campos. Já o inventor americano, *Samuel Morse*, descobria em 1838, o telégrafo. O pintor e editor conseguiu este feito ao pesquisar o eletromagneto. As mensagens então poderiam ser enviadas por este aparelho, através de um código de sinais, padronizado, posteriormente, internacionalmente, conforme descreve Paternostro (1999).

Paternostro (1999) ainda relata que o telegrafista irlandês, *Joseph May*, percebeu em 1873 que as transmissões telegráficas possuíam ruídos, já que o código de sinais sofria enfraquecimento constante. A partir do selênio, o irlandês construiu uma resistência que transmitia impulsos elétricos, menos ou mais intensos, conforme a sua exposição à luz, “Uma descoberta fundamental: era o princípio da célula fotoelétrica que mais tarde seria uma das bases do sistema de transmissão na TV” (PATERNOSTRO, 1999, p. 22-23).

Em 1879, pesquisadores de *Nova Jersey*, liderados por *Thomas Edison* testaram um filamento de papel carbonizado que brilhava durante dias. Após tentativas, *Edison* conseguiu criar uma lâmpada incandescente, que era simples e durável. De acordo com Paternostro (1999) a invenção de Edison mudou a iluminação, pois antes a luz elétrica era trêmula e frágil, sendo que a lâmpada criada pelo pesquisador evoluiu para válvulas de rádio e televisão.

Em 1880, Paternostro (1999) conta que foi criado pelo francês *Maurice Le Blanc*, um sistema de projeção de imagens, em que passadas em determinada velocidade davam a ilusão de movimento. O que originou a transmissão de imagens. Já em 1884 era construído um transmissor mecânico pelo estudante alemão, *Paul Nipkow*. Paternostro (1999) explica que o aparelho consistia em um disco de ferro, com furos equidistantes, dispostos em espiral. Ao girá-lo, um objeto era subdividido em pequenos pontos, que em alta velocidade eram agrupados e formavam a

imagem do objeto. No mesmo ano, *Heinrich Hertz* provou a existência das ondas eletromagnéticas e que elas poderiam ser medidas.

Segundo Paternostro (1999), com a comprovação das ondas eletromagnéticas, em 1901, *Guglielmo Marconi* construiu um aparelho que codificava as ondas em sinais elétricos, o que permitiu a transmissão de mensagens sem usar fios, por meio de antenas receptoras. Este era o início do rádio.

Passados alguns anos, em 1920, o americano *Charles Jenkins* fabricou um disco perfurado onde ele captava e transmitia imagens. O inglês *John Lodgie Baird* conseguiu o mesmo, de maneira semelhante. Em 1923, o iconoscópio³ era inventado por Vladimir Zworykin.

Para Jesus e Resende (apud CASHMORE, 1998, p. 24), o russo *Boris Rozing* deu o pontapé inicial para que a TV pudesse ser criada, quando descobriu “que um feixe eletrônico num tubo de raios catódicos deixava padrões luminosos complexos na frente do tubo” Depois, *Rozing* patenteou um sistema de enviar e receber imagens.

O russo, naturalizado americano, *Vladimir Zworyking*, que foi assistente de Rozing, inventou, em 1929, o tubo a vácuo com uma tela de células fotoelétricas, que possibilitava uma varredura eletrônica de imagem. Isto é, até os tempos atuais, a base do olho da televisão, como aborda Paternostro (1999).

Paternostro (1999) cita que após quatro anos, *Zworyking* conseguiu transmitir imagens a uma distância de quarenta e cinco quilômetros. Na mesma época, o inglês, *John Baird* fez uma transmissão de imagem e a *British Broadcasting Corporation* (BBC) o contratou para realizar transmissões regulares experimentais. Em 1931, a *Radio Corporation of America* (RCA) possuía uma antena e os estúdios da *National Broadcasting Corporation* (NBC) estavam instalados no último andar do *Empire State* em Nova York. Ainda, quatro anos após, a França em 1935, construiu sua antena no alto da *Torre Eiffel*. Já em 1936, na Inglaterra, A BBC instalou

³ De acordo com Araújo (2017, p. 25), o iconoscópio era “um tubo de raios catódicos (feixes de elétrons), utilizados na televisão, no qual converte-se uma imagem óptica numa sequência de impulsos elétricos”.

câmeras nas ruas e fez a transmissão da coroação do rei *Jorge VI*. Em 1939, nos Estados Unidos, a NBC transmitiu a inauguração da Feira Mundial de Nova York, conforme afirma Paternostro (1999).

Após as descobertas e instalações de câmeras e antenas pelo mundo, a televisão era uma realidade. Porém, enfrentava vários problemas técnicos, entre eles, o principal era o iconoscópio que exigia uma quantidade exagerada de luz, e assim mesmo, a imagem não era perfeita. Conforme Paternostro (1999) foi *Vladimir Zworykin* que deu a solução ao desenvolver uma válvula chamada *orthicon*. Esta válvula equilibrava a luz e melhorava a qualidade técnica da imagem.

No ano de 1940, a televisão já era totalmente um sistema eletrônico. Porém, durante a Segunda Guerra Mundial o desenvolvimento da televisão sofreu uma parada. Entre os anos 40 e início dos anos 50, a TV já havia entrado na vida de quase todos os países e ficou conhecida como um meio de informação e comunicação de massa. Em 1953 foi descoberto o sistema de transmissão em cores pelos técnicos da *National Television Committee* (NTSC).

A França adotou o sistema SECAM - Séquentiel en Couleurs et à Mémoire, criado pelo engenheiro Henri de France. A Alemanha optou por uma variação do NTSC denominado PAL (*Phase Alternative Line*). No Brasil foi adotado o PAL-M, que é o sistema colorido alemão compatibilizado com o padrão preto e branco norte-americano (PATERNOSTRO, 1999, p.25).

Segundo Jesus e Resende (2013) depois dos anos 50 é que televisores começaram a ser produzidos em grande escala. O que foi capaz de instaurar uma nova forma de ver, pensar e entender o mundo.

No ano de 1962, o satélite de comunicação *Telstar I* foi lançado e permitiu a primeira transmissão experimental entre os Estados Unidos e a Europa. Paternostro (1999) explica que em 1965, o satélite *Early Bird* ou *Intelsat I*, que marcou o início da implantação de um sistema de satélites geoestacionários de comunicação. O satélite operou por três anos, cobrindo 40% da terra.

O *Intelsat I* foi o primeiro satélite comercial usado para telecomunicações, sendo que no mesmo ano de 1965 a União Soviética lançou o *Molnya I*, formando

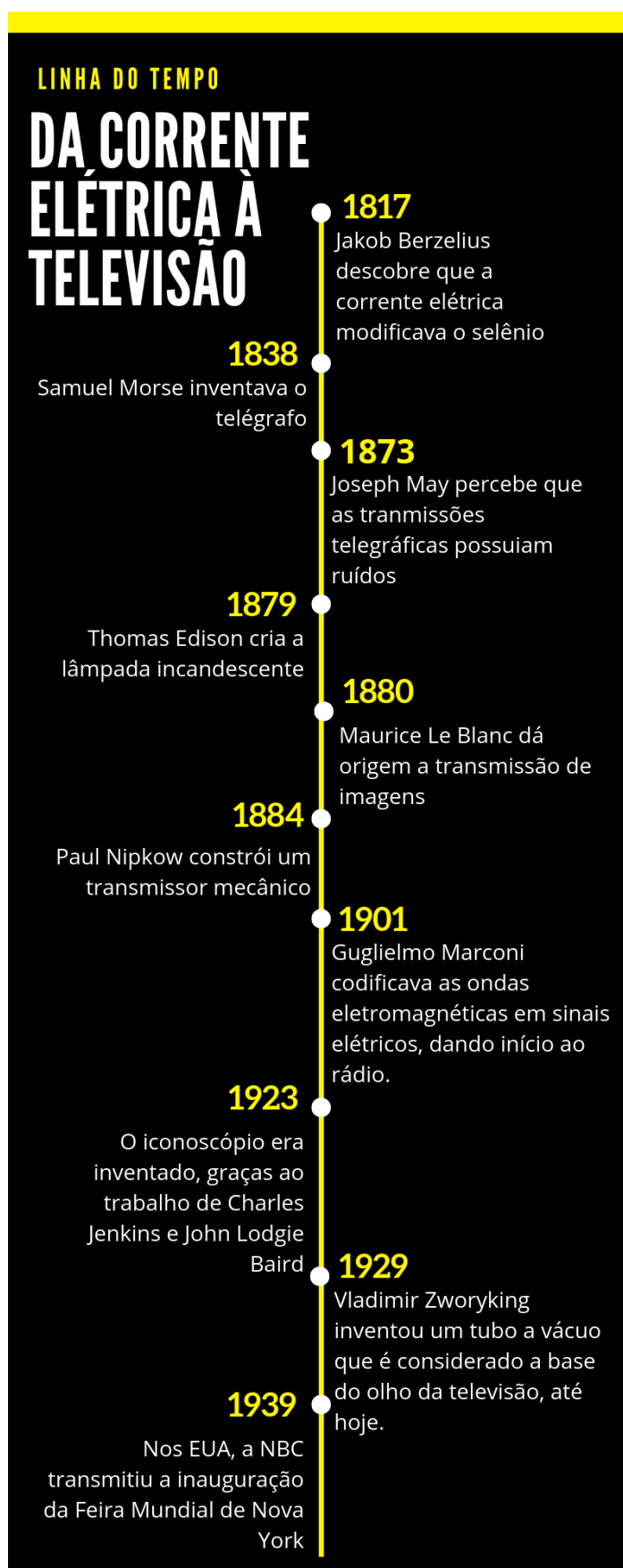
um sistema próprio, utilizado por países do bloco soviético, chamando-se de *Intersputnik*, de acordo com o exposto em Paternostro (1999).

Para Jesus e Resende (2013) a televisão tornou-se um elemento de transformação da sociedade. “[...] apoiada no que produz, emite e veicula; ela mistura percepções, alterando - para muitos - a concepção entre ficção e realidade” (JESUS; RESENDE, 2013, texto digital).

Após estas descobertas, a televisão estava mais próxima de consolidar-se como um meio de comunicação popular e de massa. No próximo subcapítulo iremos descobrir como a televisão surgiu no Brasil, como popularizou-se e se tornou um dos mais importantes meios de acesso à informação.

Para fazer um resumo da história do início da televisão produzimos um infográfico, mencionando as datas cruciais selecionadas pela percepção da autora para o desenvolvimento de tecnologias que culminaram na origem do rádio e TV.

Figura 1 – Sintetização da história da televisão



Fonte: Do autor (2019).

2.1.1 A televisão no Brasil

Neste subcapítulo, aborda-se a história da implantação da televisão no Brasil. Traremos a importância do trabalho de *Assis Chateaubriand*, assim como as contradições que rodeiam a primeira transmissão de imagens feita no país.

De acordo com Pontes (2007) os primeiros estados a conhecer a televisão foram Rio de Janeiro e São Paulo. No ano de 1954, doze mil televisores já estavam em funcionamento. Somente quatro anos depois, 78 mil aparelhos estavam por todo o país.

O Brasil teve sua primeira transmissão ao vivo, via satélite foi em 03 de março de 1969, que segundo Paternostro (1999), teve um grande impacto nos telespectadores. A situação só foi possível a partir do lançamento da *Apolo IX*, de *Cabo Kennedy*, Estados Unidos. O primeiro toque na lua foi transmitido ao mundo todo em 20 de julho de 1969. O astronauta *Neil Armstrong* desceu da *Apolo IX* e eternizou o momento. “Essa é a magia da imagem que a televisão amplia, difunde, populariza e eterniza para sempre” (PATERNOSTRO, 1999, p. 26).

Foi *Francisco de Assis Chateaubriand*, em 1950, que levou aos brasileiros a oportunidade de informar-se e entreter-se por meio da televisão. De acordo com Paternostro (1999), *Chateaubriand* foi proprietário da Diários e Emissoras Associadas, sendo o primeiro império de comunicação do país, já que englobava vários veículos de comunicação ao seu grupo, tais como: Diário da Noite; Diário de São Paulo, revistas O Cruzeiro e emissoras de rádio como a Rádio Tupi.

No entanto, cabe observar que, segundo Jesus e Resende (2013) o advento da televisão gerou nos profissionais de rádio um certo desconforto, ao ficarem receosos quanto ao novo meio de comunicação, imaginando que iriam perder espaço na comunicação.

Conforme Paternostro (1999), a empresa do diretor nordestino cresceu depois que comprou, em 1924, no Rio de Janeiro, *O Jornal*. Após, *Chateaubriand* trouxe os técnicos norte-americanos da RCA para instalar a televisão no Brasil. Também foram importados equipamentos, sendo que uma antena foi colocada no alto do

edifício do Banco do Estado de São Paulo. Os estúdios foram montados nos prédios da empresa do nordestino. A data de 18 de setembro de 1950 marcou a inauguração oficial da primeira emissora de televisão do país, chamada PRF-3 TV Difusora, mais tarde conhecida como TV Tupi de São Paulo. De acordo com Paternostro (1999) a emissora foi a pioneira da América Latina.

De acordo com Leal (2009) *Assis Chateaubriand* possuía ainda em 1938, cinco emissoras de rádio, doze jornais diários e uma revista. O auge do empresário foi em 1958, quando tinha posse de trinta e seis emissoras de rádio, trinta e quatro jornais diários, dezoito emissoras de televisão e várias revistas, entre elas, O Cruzeiro.

Conforme Paternostro (1999), a primeira transmissão de imagens feita no Brasil é rodeada de controvérsias. Em 1939, técnicos alemães fizeram demonstrações em uma feira de novidades, que utilizava câmera e receptor. Em 1940, ocorreu uma apresentação pública do sistema no Museu de Arte, em São Paulo. Já em 1946, a Rádio Nacional exibiu algumas imagens do programa *Rua 42*, “técnicos franceses exibiram seus equipamentos, transmitindo o que acontecia no estúdio da Nacional para televisores instalados em locais determinados” (PATERNOSTRO, 1999, p. 28).

Outro fato contraditório foi quando o frei mexicano *José Mojica*, ex-ator de cinema, cantou em 04 de julho de 1950, ao lado de *Homero Silva* e *Walter Forster*, para um número pequeno de telespectadores. Segundo Paternostro (1999), o momento foi transmitido por um circuito fechado, do auditório do Museu da Arte. Entrando também para as especulações sobre a primeira transmissão de imagens.

Nos estúdios instalados no Palácio do Rádio, em São Paulo, foi realizado em 18 de setembro de 1950 o primeiro programa da televisão brasileira. A atração dirigida por Cassiano Gabus de Mendes foi feita pela PRF-3 TV Difusora. De acordo com Paternostro (1999), o empresário *Chateaubriand* mandou que instalasse duzentos televisores em pontos estratégicos da cidade de São Paulo. O intuito era que o maior número de pessoas possível vissem o programa, tornando pública a existência da televisão. Outro programa que merece ser recordado foi TV na Taba,

que em sua primeira exibição, teve duração de duas horas. Após quatro meses, em janeiro de 1951, a TV Tupi do Rio de Janeiro entrava no ar, sendo a segunda emissora do país.

Conforme Ihitz e Da Cunha (2017, p. 2-3), a TV Piratini, no Rio Grande do Sul, foi chamada de “pioneira” pela revista TV Sul Programas, que teve seu primeiro exemplar publicado em 16 de agosto de 1963. Nas páginas é contado como foi a inauguração do canal 5, que foi ao ar às 14h30min no dia 20 de dezembro de 1959. A revista ainda menciona que a emissora era composta por uma sociedade anônima, “com capital popular”. A TV Piratini teve também seu pioneirismo constatado através de seu prédio construído especialmente para as atividades da televisão.

Ademais, o primeiro programa de televisão brasileira pode ser exibido graças à consolidação do rádio, segundo Leal (2009). O fato ocorreu no final de 1940 e início de 1950. Nesta época o padrão industrial existente no rádio, foi também implantado na televisão.

Conforme Paternostro (1999), o segundo canal disponível no Brasil, incluía em sua grade filmes, espetáculos de auditório e noticiários, que eram divididos nos primeiros seis meses em cinco horas de programação diária. Ao final da década de 1950, somava as transmissões das emissoras TV's Tupi, Record (1953), Paulista (1952), Tupi, Rio (1955), Excelsior (1959) e Itacolomi (1956).

Nesses primeiros dez anos da TV Brasileira, o aparelho de televisor ainda era um artigo de luxo. Em 1954, existiam 12 mil aparelhos no Rio e em São Paulo; em 1958, eram 78 mil em todo país. A programação das emissoras seguia, então, uma linha de “elite”, como artistas e técnicos traduzidos do rádio e do teatro. Entrevistas, debates, teleteatros, shows, música erudita eram as principais atrações (PATERNOSTRO, 1999, p. 29).

Programas de rádio humorísticos, jornalísticos e de variedades também ganharam suas versões televisivas. A partir da popularização da televisão, os aparelhos foram se tornando mais acessíveis e as emissoras puderam instalar suas sedes em mais estados. Dessa forma, a programação televisiva foi acrescida à publicidade. Paternostro (1999) ressalta que nos anos 60 a televisão já se consolidava no país e conforme as disputas comerciais ocorreriam, ela assumiu seu

caráter comercial, dando início à “briga pela audiência” (PATERNOSTRO, 1999, p. 30).

Como no rádio, a televisão também começou a transmitir os acontecimentos e fatos diários. O primeiro telejornal exibido no Brasil foi Imagens do Dia, conforme Paternostro (1999). O programa era transmitido pela TV Tupi de São Paulo em 1950. Porém, o primeiro telejornal que fez sucesso foi O Repórter Esso, de 1953, também da TV Tupi. Assim, ele continuou sendo exibido por 20 anos. Conforme a autora, o Jornal Nacional, da Rede Globo, lançado em 1969, está no ar há mais tempo do que todos os outros, sendo até hoje um dos líderes de audiência no horário.

Para Leal (2009) uma das principais características percebidas nos primeiros anos de televisão no Brasil foi o aspecto radiofônico com que as imagens e informações eram passadas. A importação de profissionais do rádio para a TV teve importante influência neste método de exibição, já que também a grade de programação foi alterada conforme os programas do rádio. Assim, o que era transmitido via som, poderia ser ilustrado com imagens.

Com o passar dos anos e com a implantação de novos programas e inauguração de novas emissoras, Leal (2009) ressalta que a ditadura militar teve papel fundamental no desenvolvimento da televisão:

[...] ao criar vários órgãos estatais que lidavam com a produção cultural, ao formular leis e decretos, ao congelar as taxas dos serviços de telecomunicação, ao dar isenção das taxas de importação para compra de equipamento, ao proporcionar uma construção de uma estrutura nacional de telecomunicações em redes e ao fazer uma política de crédito facilitado (LEAL, 2009, p. 8).

Jesus e Resende (2013) apontam ainda as primeiras tentativas de transmissão de ideologias por meio da televisão. Ao final dos anos 50, o autointitulado “O rei da Televisão”, Flávio Cavalcanti, apresentava um programa enquanto quebrava discos de vinil depois de criticá-los.

No ano de 1960, o Brasil já possuía em média 200 mil aparelhos de televisão conforme Jesus e Resende (2013). Seis anos após, a TV Paulista foi comprada por

Roberto Marinho, que rebatizou a emissora com o nome de Rede Globo. Na época de 1970 a televisão já era tida como um veículo de comunicação com credibilidade.

Ao final da historização é possível constatar o poder e dimensão da televisão. Como afirma Pontes (2007) a televisão possui um poder e uma penetração na vida das pessoas inegável. Isto é capaz de influenciar nas definições de objetivos e vontades.

Muitos meios a antecederam e muitos a sucederão, mas seu lugar ninguém tira, ela é única. Seja através de novelas, telejornais, filmes, minisséries, tanto faz. Sua influência é real e afeta inclusive aqueles que dizem não serem afetados (PONTES, 2007, p. 16).

As ideias expostas neste subcapítulo tiveram o intuito de retratar como a televisão se desenvolveu ao longo dos anos e o quanto ela ganhou relevância no dia a dia da população. Na sequência, traremos o conceito do que é jornalismo e os significados do telejornalismo.

2.1.2 Telejornalismo

Neste trecho desta pesquisa, evidenciaremos os conceitos sobre jornalismo. Além disso, será exposto ideias sobre a importância da imagem na televisão e como ela impacta. Discorreremos aqui também sobre o papel da televisão, assim como dos jornalistas ao exercerem sua função. Além disso, é disposto neste subcapítulo, noções sobre como devemos escrever e produzir conteúdo jornalístico para televisão.

Para minimizar as barreiras comunicacionais, há um instrumento que faz com que o público participe ativamente da vida social, chamado jornalismo, como sugere Bahia (2009):

“A palavra jornalismo, quer dizer apurar, reunir, selecionar e difundir notícias, ideias, acontecimentos e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza, rapidez, de modo a conjugar pensamento e ação” (BAHIA, 2009, p. 19).

O jornalismo possui a missão de levar a notícia à sociedade e deixá-la informada. Porém, fora deste serviço fundamental, ao jornalismo também se atribui a tarefa de fazer o bem comum e de estimular trocas de ideias e bate-papos livres entre as pessoas, sem distinção de interesses, sexo, raça, religião, como afirma Juarez Bahia (2009).

Conforme Barbeiro e Lima (2013) o jornalismo tem um papel importante na defesa dos direitos humanos e sem esse objetivo e preocupação não é possível fazer jornalismo. Além disso, “o jornalismo existe para melhorar as condições de vida da humanidade e é comprometido com o bem-estar, a segurança e a democracia.” (BARBEIRO; LIMA, 2013, p. 183).

Barbeiro e Lima (2013) ainda dizem que o jornalismo precisa estar acima de qualquer convicção partidária e de interesses terceiros, tendo o dever de entender e conseguir agir em prol da defesa da vida e da dignidade humana.

A notícia é a matéria prima do jornalista. Segundo Squirra (2004), no Dicionário de Comunicação, a palavra notícia significa uma descrição de fatos ou acontecimentos recentes, de interesse e relevância para a comunidade, que determina o que será noticiado. Para ele, o cidadão contemporâneo não preocupa-se somente com o que ocorre ao seu redor, em sua região, mas também têm interesse em saber o que está acontecendo no mundo todo.

Squirra (2004, p. 51) diz que com o advento da televisão, as notícias mostradas neste veículo são atuais, exibindo os fatos “quase instantaneamente”. Além da instantaneidade, a televisão também acelerou desenvolvimentos tecnológicos na indústria de equipamentos de transmissão de dados e de sinais, conforme cita Aronchi de Souza (2004). Para ele, televisão é sinônimo de tecnologia.

O fazer jornalismo se encontra em diferentes meios e mídias. Um deles é na televisão, que tem como suas principais características a voz e a imagem. Para Bahia (2009), na televisão, o jornalismo passa da letra para a imagem e se preocupa com o tempo, muito mais do que o espaço em que será veiculado, como é o caso

dos impressos. Conforme ele, o telejornalismo é o resultado das experiências da imprensa escrita e do rádio.

Conforme Bistane e Bacellar (2005) em uma pesquisa divulgada pelo Ibope em maio de 2004, na cidade de São Paulo, o telejornal com maior audiência foi assistido por mais de três milhões de pessoas. Já no mesmo período em que o estudo foi realizado, o jornal impresso de maior circulação do país, o Folha de São Paulo, teve uma tiragem média de 307 mil exemplares. Analisando estes números, é possível verificar que uma parcela maior da população se informa a partir dos telejornais.

Conforme Paternostro (1999) no telejornalismo o texto deve ser escrito para ser falado pelo narrador que passa a informação ao telespectador, que deve ouvir a mensagem e entendê-la com clareza e facilidade. Os veículos eletrônicos de comunicação possuem a característica da instantaneidade, assim quem recebe a informação precisa captá-la de uma só vez, caso isso não ocorra, a autora diz que o objetivo de quem informa, fracassa.

Ainda, segundo Paternostro (1999), quem irá escrever uma lauda, ou então, *script* para um programa jornalístico televisivo precisa se preocupar primeiro com a facilidade da leitura, já que o texto será lido em voz alta pelo narrador. Depois de constatado que o texto é de fácil leitura, é preciso preocupar-se com a sonoridade das palavras, “no caso do telejornalismo, o efeito sonoro do texto passa a ter real importância, já que estamos trabalhando em um veículo em que o sentido da audição é muito explorado” (PATERNOSTRO, 1999, p. 67).

Para evitar desarmonia quanto à fonética entre as palavras de um texto, pode ser útil buscar sinônimos e alterar para não prejudicar a sonoridade da frase. Além disso, a autora menciona que é importante atentar-se para o ritmo do texto.

O telejornalismo, além de ser produzido para ser falado e ouvido, precisa casar com imagens. Para Paternostro (1999), é preciso fazer isso sem que dê a impressão de que os dois competem entre si, já que o texto precisa ter relação com o que está sendo mostrado. Caso contrário, não há necessidade de estar presente.

Porém, é preciso cuidar para que a imagem e o texto não digam exatamente a mesma coisa, pois isso é configurado como redundante, “só se faz TV com imagem, mas a palavra tem lugar garantido. O nosso desafio é descobrir como e quando usar a palavra” (PATERNOSTRO, 1999, p. 72).

Para fugir da redundância, o redator ou repórter deve identificar quais são os elementos fundamentais que a notícia trará. Para tanto, Paternostro (1999), lembra das perguntas essenciais do *lead*⁴ que norteiam qualquer produção jornalística.

Além destes pontos, o telejornalismo também trabalha com a emoção. Conforme Paternostro (1999), quando juntamos imagem, emoção e informação pode-se incutir ali o estilo de escrita e de trabalho do jornalista, além de transmitir uma notícia com qualidade, sem ser entediante. Sobre isso, *Pierre Bordieu*, fala sobre como os jornalistas parecem escolher assuntos de acordo com aquilo que lhes parece importante, de acordo com suas particularidades e subjetividades. Para *Bourdieu* (1997, p. 25) os profissionais possuem, “óculos especiais” que conseguem ver algumas coisas e outras não e trazer maior grau de interesse, ou não, para determinado assunto.

Segundo o autor, o que delimita se um assunto é mais interessante para ser mostrado é o grau de dramatização e do sensacional. Para tanto, a obra traz a noção de que os profissionais jornalísticos, em sua maioria, se interessam pelo que é excepcional para eles. Porém, se esquecem de que aquilo que lhe é tão interessante pode ser entediante para outros. *Bourdieu* (1997) menciona que assim como os temas que não o interessam, podem ser extraordinários para a população.

Neste ponto, vale mencionar a ideia exposta na obra que cita que o comercial, se sobressai em detrimento do puro (BOURDIEU, 1997, p. 104). O autor critica também as pautas de variedades que mostram fofocas de famosos, que dramatizam os fatos sempre foram os assuntos de maior audiência segundo ele. Para ele o

⁴ O *lead* geralmente encontra-se no início de uma matéria jornalística, já que situa o leitor sobre o fato a partir das respostas das seguintes perguntas chaves: O que?; Quem?; Quando?; Onde? Como? e Por quê?. Conforme Barbeiro e Lima (2013, p. 150), “o texto começa com o lead, portanto, procure a novidade, o fato que atualiza a notícia e a torna o mais atraente possível. Ele deve ter uma sequência lógica, na ordem direta, seguindo a regra simples sujeito + verbo + predicado”.

papel da televisão se perde quando é exibido este tipo de conteúdo. Nas suas palavras, o tempo se perde quando poderia ter sido usado para realmente informar. “E se minutos tão preciosos são empregados para dizer coisas fúteis, é que essas coisas tão fúteis são de fato muito importantes na medida em que ocultam coisas preciosas” (BOURDIEU, 1997, p. 23).

Sobre o conteúdo exibido em uma emissora de TV, Aronchi de Souza (2004) diz que é importante classificar e categorizar os gêneros dentro dos programas. Como corrobora Aronchi, pode se perceber três categorias: “Entretenimento, informativo e educativo” (ARONCHI, 1997, p. 39).

Pode-se pensar o vídeo também em aspectos que vão além do técnico, pensando a subjetividade do que é exibido, ou seja, trabalhando a emoção em uma reportagem de televisão, os sons entram em cena. Como Paternostro (1999) cita, o som ambiente dispensa, em alguns casos, a descrição da cena ou informações adicionais.

A imagem tem a narrativa própria, e para transmitir a emoção de um momento, o silêncio ou o som original do que está acontecendo, vale mais do que frases descritivas, longas, repetitivas. Nesse exemplo, a palavra perde em força para a imagem [...] (PATERNOSTRO, 1999, p. 75).

Contudo, como Paternostro (1999), é preciso utilizar o bom senso aliado a sensibilidade para saber o momento de utilizar estes mecanismos. Para relembrar, a imagem que está sempre em destaque na televisão, será a primeira a ser compreendida pelo telespectador, por isso quando uma informação não contém imagens, é preciso trazer para a tela algum método para visualização da notícia. Um dos recursos disponíveis e referidos por Paternostro (1999) são os recursos gráficos. Artes produzidas, geralmente, pelas editorias de arte das emissoras como: mapas, animações, simulações, gráficos, entre outros que prenderão a atenção do telespectador.

Squirra (2004, p. 51) vai ao encontro de Paternostro (1999) quando diz que a televisão, ao invés de relatar o fato, consegue mostrá-lo entregando ao telespectador imagens, movimentos, cores, sons e toda a “dramaticidade do acontecimento quase ao mesmo tempo em que ele se deu”. Por causa disso, o autor

fala que a televisão é cômoda, pois quem a assiste não precisa se esforçar para entender o que está sendo exibido.

Ainda, segundo Squirra (2004), a televisão mostra sua importância, quando constata que a imagem não tem fronteiras, uma vez que pode ser compreendida por qualquer pessoa, de qualquer lugar sem muitos ruídos. A imagem demonstra a realidade conforme *Bourdieu* (1997) menciona, concordando com Squirra. *Bourdieu* (1997) diz que a imagem tem o poder de produzir o que críticos chamam de “o efeito de real” (BOURDIEU, 1997, p. 28).

Além disso, a televisão é mais vista pela população do que os jornais impressos, por exemplo. Para tanto, a TV deve trazer informações pertinentes para que o cidadão, que tem a televisão como única fonte, possa exercer seus direitos democráticos. Para *Bourdieu* (1997) a influência da televisão se estende até as produções culturais, assim como científicas e artísticas. Isto é, os jornalistas que são “dominados” pela lógica comercial e da audiência, acabam impondo as suas próprias limitações em outros campos do saber, outros universos (BORDIEU, 1997, p. 81).

Sobre as maneiras para escrever no telejornalismo, Squirra (2004), diz que é preciso construir conforme se fala utilizando a linguagem coloquial. O telejornalismo, assim como qualquer outra forma de exercer a prática jornalística, busca evitar erros, imprecisões, mal entendidos e discriminações. No jornalismo para TV, procura-se usar a imagem para tentar convencer ao máximo de que o que está sendo mostrado é real e verdadeiro.

Segundo Squirra (2004), o telejornalista em campo, não poderá reconstituir o fato ocorrido como no jornalismo impresso, por exemplo, pois terá que lidar com o tempo e delimitar-se a breves explicações. Ainda, afirma que o tempo de uma reportagem televisiva deverá respeitar a importância jornalística do tema.

Outro aspecto merece ser comentado, como explica *Bourdieu* (1997), os conteúdos que são transmitidos pela televisão passam pelo que ele chama de “uma censura invisível” (BOURDIEU, 1997, p. 19). Ele também ressalta que o que é exibido na televisão não é somente determinado pelos seus donos ou por aqueles

que apresentam algum programa televisivo ou pelos anunciantes, pois a pressão econômica exerce grande influência nos temas exibidos. Além disso, cita outros exemplos:

[...] o acesso à televisão tem como contrapartida uma formidável censura, uma perda de autonomia ligada, entre outras coisas, ao fato de que o assunto é imposto, de que as condições da comunicação são impostas e, sobretudo, de que a limitação do tempo impõe a discurso restrições tais que é pouco provável que alguma coisa possa ser dita (BOURDIEU, 1997, p. 19).

Neste subcapítulo, ideias foram baseadas em autores como *Bourdieu* (1997), Paternostro (1999), Squirra (2004) e Aronchi de Souza (2004), que evidenciaram temas como importância do bom uso da imagem e bom senso no momento de escolher as pautas. Também foi exposto noções de como escrever para um produto telejornalístico. A influência da televisão e dos seus conteúdos também foi evidenciado. No subcapítulo seguinte traremos os conceitos que definem o que é uma televisão pública. As funções dela e como o jornalismo é feito nesta vertente de emissora também será explanado.

2.1.3 Televisão pública

Neste subcapítulo será explicado o que é uma televisão pública. Além disso, serão explanados seus deveres e funções atrelados ao jornalismo. Para tanto traremos autores como Torves (2007) e Bucci (2010), entre outros.

Além da televisão comercial, existe ainda outra vertente de televisão: a pública. Esta vertente se diferencia das televisões comerciais, conforme Araújo (2008, p. 5) ao mencionar Barbero (2002), quando vê o telespectador como um cidadão e não como um consumidor.

Para Torves (2007) o conceito de televisão pública possui cinco eixos fundamentais, sendo eles: a democracia; a cidadania; a visibilidade dos atores sociais; a linguagem audiovisual e os gêneros, assim como os discursos que ela

televisão deve ter e experimentar. Ainda segundo Torves (2007), uma televisão pública precisa destes eixos para entregar conteúdos plurais, de qualidade e diversificados.

Além disso, Torves (2007) menciona que ainda é necessário para uma televisão que é pública, ter claro a definição de um consumidor e de um cidadão. Este tipo de televisão precisa objetivar a formação da cidadania, a legitimação social e exibir programas que tenham um sentido de utilidade para a população. Ademais, a TV pública precisa ser um canal de interação criativa entre produtor e público.

Andrade e Weber (2018) corroboram com Torves (2007) quando dizem que a TV pública é um importante instrumento para o desenvolvimento da conversa social. Ao citar Bucci (2010), Andrade e Weber (2018) esclarecem que as emissoras de difusão pública possuem a missão de tornar o espaço público mediatizado mais seguro das pressões feitas por poderes econômicos e governamentais, sendo então, mais democrático e inclusivo.

Ainda segundo Torves (2007) a televisão pública precisa abrir-se para todos os públicos e segmentos, principalmente para as minorias e vozes divergentes. Torves (2007) ressalta:

Atender às minorias não é uma renúncia à audiência, mas uma perspectiva de construção de uma maioria. Ao contemplar índios, negros, mulheres, crianças, terceira idade, homossexuais, movimentos sociais, trabalhadores e guerrilheiros, a televisão pública atenderá nichos desprezados pelo mercado e, conseqüentemente, pelas emissoras comerciais, cumprindo sua missão de priorizar o público e não o privado (TORVES, 2007, p. 115).

Para Torves (2007) a televisão pública tem ainda mais uma importante função: ser um espaço de construção de cidadanias. Dessa forma, Torves ressalta que a televisão pode propiciar debates de qualidade, assim como cumprir com a exigência dos direitos fundamentais.

Em resumo, as emissoras públicas existem de acordo com Bucci (2010) para auxiliar a sociedade na realização de seus ideais, assim como o da imprensa, que é fazer uma instituição social, que seja independente do Estado, em que vigore a liberdade de expressão, que fiscaliza o poder. A televisão pública para Bucci (2010)

só tem sentido real, social e histórico, quando estão a serviço do povo e dos direitos da sociedade. Caso contrário, ao servirem o governo e suas necessidades, se transformam em uma deformação que nega a razão de sua origem.

Sobre a função do jornalismo na televisão pública, Andrade e Weber (2018) afirmam que ele deve buscar manter os telespectadores informados sobre diferentes assuntos e aspectos para que consigam formar opiniões através do que é noticiado. Para Andrade e Weber (2018) os noticiários de tv pública precisam ocupar um espaço no qual os temas de interesse público possam ser apresentados e então debatidos.

Bucci (2010) diz que a informação jornalística nas emissoras públicas deve ter como balizador o que o cidadão quer ver, ouvir, perguntar ou demandar e não o que o governo gostaria de transmitir. A televisão pública existe justamente porque nasce na sociedade, provinda dos direitos humanos que são a fonte do poder, como afirma Bucci (2010).

Neste subcapítulo ficou evidente a importância que a televisão pública possui na sociedade. Suas ramificações aliadas ao jornalismo podem defender e trazer à tona assuntos pertinentes à sociedade, que são debatidos e difundidos com real interesse. A seguir, explicaremos o que é surdez. Além disso, evidenciaremos os graus de surdez e como eles afetam o dia a dia do surdo. No próximo capítulo, também trataremos sobre acessibilidade, fazendo um apanhado geral sobre o que é este conceito e como ele impacta na produção telejornalística. Levaremos em consideração os direitos da população ouvinte e surda.

2.2 Acessibilidade e Surdez

As emissoras de televisão, que chegam a uma parcela considerável da população brasileira, deveriam preocupar-se em assegurar e efetivar o direito à informação, inclusive aos portadores de deficiência auditiva e aos surdos, uma vez que o direito de ser informado é previsto para todos. Para tanto, traremos aqui o conceito de acessibilidade. Também iremos expor direitos e deveres do cidadão e do

jornalista. Neste subcapítulo também serão explicados quais são os graus de surdez, bem como as discussões de definições de surdez patológicas ou culturais.

Acessibilidade universal é definida como a condição de utilizar, por qualquer pessoa, possuindo deficiência ou não, com segurança e autonomia espaços construídos, mobiliários e equipamentos urbanos. Além disso, citam-se os edifícios, serviços de transporte e dos dispositivos, bem como sistemas e meios de comunicação e informação. Com a acessibilidade universal, é possível nivelar, a partir da sociedade, o acesso à oportunidade e à inclusão social (OTTMAR et al., 2017). Conforme esta definição, os autores chamam de barreira comunicacional, qualquer tipo de obstáculo ou dificuldade, que elimine a possibilidade do indivíduo se comunicar e ter acesso à informação. Assim, é considerado acessível o espaço ou equipamento que proporcione condições iguais e inclusivas a toda população, independente do sexo, idade ou características e/ou capacidades físicas.

Conforme Bona (2017), vivemos atualmente na sociedade da informação. A todo instante mensagens são recebidas, sendo que informam sobre quem sofreu um acidente de trânsito, como está a cotação do dólar ou do salário mínimo, por exemplo. Porém, segundo o autor, estas informações chegam sem que as pessoas se deem conta de que estão se informando e muito menos saibam o porquê recebem ou então, buscam tantas mensagens ao longo do dia.

Bona (2017) salienta que o ser humano possui o direito de informar-se, assim como de expressar-se, citando o artigo XIX da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Todo o ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras (ONU, apud BONA, 2017, p. 22).

Além disso, Bona (2017) diz que ter acesso à informação, significa ter poder, já que conforme ele, quem detém mais informação é mais atuante como cidadão, tendo maior poder de decisão e conseqüentemente, obtendo maiores chances de sucesso em todas as áreas da vida. Porém, cita que mesmo tendo este direito garantido, nem todos possuem acesso à informação, explicando que quando isto

acontece, a falha geralmente está associada a problemas sociais e desigualdade de oportunidades.

Para entender a surdez de um ponto de vista clínico, Quadros (2004, p. 10), conceitua como a diminuição da sensibilidade auditiva, que dificulta a aprendizagem da língua oral. A mesma autora, também explica que surdo é o indivíduo que se identifica como surdo, sendo alguém que entende o mundo de acordo com suas experiências visuais e que possui o direito de apropriar-se da língua brasileira de sinais, assim como da língua portuguesa, a fim de interagir de forma plena com os campos sociais e culturais.

Conforme Siqueira e Silva (2013), o indivíduo totalmente surdo é aquele portador de surdez severa, ou seja, com perda auditiva entre setenta e noventa decibéis. Quem é portador desta deficiência consegue identificar apenas alguns sons, sendo estes em alto volume. Já, o portador de surdez profunda tem perda auditiva superior a noventa decibéis, sendo que não escuta nenhum tipo de som, e geralmente não desenvolve a aprendizagem da linguagem oral.

Para Nunes et. al. (2015) a surdez é uma alteração no sistema auditivo, que acaba reduzindo ou impedindo que o ouvido responda a estímulos sonoros. O grau de alteração é baseado no local da perda auditiva e de sua intensidade. O momento da perda de audição também é relevante, pois o indivíduo pode ter ficado surdo após a aquisição da linguagem ou já ter nascido assim.

Já para Gesser (2009, p. 63 - 64), existem duas formas de se entender a surdez: patologicamente e culturalmente. Segundo a autora, a visão patológica percebe o surdo como um deficiente físico, que necessita de aparatos ou cirurgias para se tornar “normal”, comparando com a comunidade ouvinte. Conforme ela, a maior parte da população vê a surdez como um problema, algo que precisa ser “consertado” ou ajustado, ou seja, a maior parte da comunidade tem a visão patológica da surdez.

Os surdos, segundo Gesser (2009), têm uma perspectiva positiva da surdez e entendem que a concepção de “problema” se origina na população ouvinte. A

construção da identidade, cultura e do sujeito surdo se dá para a autora, a partir desta visão positiva. O que leva a discussão do tema a outras áreas do saber, que não sejam somente medicina e fonoaudiologia.

Pereira et. al. (2011) como Gesser (2009) considera em seu estudo as duas formas de conceito de surdez. Porém, ela vai além, opinando que quando incentivamos que um indivíduo com perda de audição utilize um aparelho auditivo, estamos reforçando que “[...] a linguagem oral é imprescindível para o desenvolvimento cognitivo, social, afetivo-emocional e linguístico do surdo [...]” (PEREIRA, et. al, 2011, p. 21). Dessa forma esclarece que estaremos também, evidenciando que no surdo falta algo e que por isso ele estaria incapacitado de falar.

Nunes et. al. (2015, texto digital) aponta que para compreender e integrar um indivíduo surdo é preciso analisar não só seu grau de surdez, mas também seu contexto familiar, a cultura no qual está inserido, sua escolaridade, idade, classe social, religião e raça. Assim, menciona que a generalização em frases como “todo surdo é...”, são carregadas de violência, já que amarra o sujeito em um rótulo.

O direito à igualdade entre todos entre outros deveres podem ser conferidos na Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, que também trata sobre os Direitos Sociais e Fundamentais, garantidos aos portadores de deficiência. O acesso à seus direitos podem ser verificados nos artigos e incisos: Art. 3º inciso IV, Art. 5º, Art. 7º inciso XXXI, Art. 23, inciso II, Art. 24, inciso XIV, Art.203, incisos IV e V, Art. 208, incisos III e IV e Art. 244. Além destes que citam a igualdade entre todos, independentemente de raça, cor, sexo e idade, direitos envolvidos com a educação, cultura e desporto, assim como do trabalho, saúde, assistência social, o art. 5º, inciso XXXIII e art. 37 falam sobre o direito de ser informado que todos possuem.

Assim sendo, o Poder Público tem o dever de informar os cidadãos. Porém, este dever também é repassado para prestadores de serviço público, que podem incluir rádios, jornais impressos e também canais televisivos.

Ademais, Gabriela e Müller (2018) salientam que a Lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002), estabelece que o poder público, incluindo as empresas concessionárias de

serviços públicos, utilize e apoie a difusão da Libras como um meio de comunicação rápido, fácil e usado continuamente.

Para complementar e reforçar a ideia de que informação é direito de todos, Juarez Bahia (2009) ressalta que o jornalismo tem o dever de levar à comunidade informações, a fim de fazê-la participar da vida social, direta ou indiretamente. Ainda no âmbito global, conforme o 19º artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) de 1948:

Todos possuem o direito à liberdade de opinião e de expressão, sendo assim necessário o respeito ao direito que todos possuem, de receber e difundir, informações ou ideias por qualquer meio de expressão, sem considerações de fronteiras (ONU, 1948).

Além disto, está previsto também no Código de Ética dos Jornalistas (2007), em seu artigo 1º, publicado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), que o acesso à informação pública é um direito da vida em sociedade, não podendo ser impedido por nenhum tipo de interesse.

Para incluir surdos e cegos, por exemplo, a instrução normativa n.º116 da Agência Nacional do Cinema (Ancine), (BRASIL, 2014), orienta que todos os projetos audiovisuais precisam incluir em seus orçamentos os serviços de legendagem, audiodescrição, legendagem descritiva e Libras.

Conforme Santos e Santos (apud. Torres e Mazzoni, 2002) a boa utilização dos métodos de acessibilidade nos canais brasileiros de TV aberta permitiria que o público que não pode ter um pleno aproveitamento dos recursos audiovisuais utilizados na televisão, conseguisse receber a informação transmitida de forma satisfatória.

Ainda, o direito de ser informado que é fundamental, conforme já citado, é acompanhado dos direitos à igualdade e do direito de integração social, além dos princípios da dignidade da pessoa humana e da cidadania. Quando os surdos são negligenciados pelas emissoras de televisão, estes direitos são violados, segundo Amaral e Souza (2002, texto digital). Os recursos disponíveis e de fácil produção,

devem ser explorados pelos canais televisivos para que seus conteúdos sejam, de fato, acessíveis.

Para Barbeiro e Lima (2002) os direitos humanos garantem a integridade do jornalista, assim como de todas as pessoas que querem expor livremente suas ideias sem medo, por isso: “O jornalismo tem o compromisso de manter a universalidade dos direitos humanos, independentemente da condição social, econômica ou mesmo criminal das pessoas” (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 117).

Segundo Squirra (2004) um fato se torna notícia a partir do interesse da comunidade por um fato ocorrido. A relevância de um acontecimento se dá a partir do que o público deseja saber. Sobre como o homem se torna um cidadão, Squirra (2004) ressalta que é necessário que o indivíduo possua meios para informar-se sobre o que está acontecendo ao seu redor e formar uma opinião sobre o fato. Conforme ele, o acesso à informação representa a efetivação da cidadania, uma vez que o homem consegue desfrutar dos seus direitos como real integrante da sociedade.

Para Squirra (2004), a facilidade para informar-se se deve à inserção de novos meios de comunicação, como o rádio e a televisão. Assim, o cidadão contemporâneo convive diariamente com uma grande quantidade de informação:

Apesar desta inegável força de comunicação, o domínio do conteúdo e forma da expressão com as imagens é preocupação recente em nossa sociedade. Isto por causa de um simples fato: todas as pessoas que têm o conhecimento e o domínio da língua pátria (as consideradas alfabetizadas) sentaram um dia em um banco de escola. Desde o início, o contato com a expressão escrita, o encontro e as experiências com as letras e os números. É fundamental dominar o código das letras e palavras. E saber reproduzi-los, pois estes são os fundamentos básicos da comunicação escrita. Na sequência, o domínio das palavras e seus significados. A comparação das palavras impressas e seus valores na vida real. A frase, o período, o texto completo. A redação e a composição. Toda a expressão se dá no papel (SQUIRRA, 2004, p. 53).

Sobre o Jornal Nacional, um dos principais programas telejornalísticos da televisão aberta, Bonner (2009) explica que o programa é disponibilizado a todos os brasileiros que possuem energia elétrica e um aparelho televisor. A parabólica

também se faz necessário para os telespectadores que residem no campo ou em áreas mais afastadas.

Ainda, Bonner (2009) faz uma comparação entre o Jornal Nacional, os jornais impressos e o rádio, exemplificando que a televisão consegue alcançar o público analfabeto, assim como transmite informações com imagens e com maior qualidade de som.

Ao fim deste capítulo é evidente que entender o contexto em que o indivíduo surdo está inserido, assim como o seu grau de perda auditiva, é fundamental para que a integração entre ouvintes e surdos possa ocorrer. Entender o conceito de surdez patológica e cultural também é relevante para que os próximos pontos abordados nesta pesquisa sejam compreendidos.

O conceito de acessibilidade, as funções sociais do jornalismo e as leis e documentos que regulam a função de jornalista também foram explanados. Acrescentamos também como a televisão consegue chegar a mais lugares e pessoas do que qualquer outro veículo, porém, este trecho da pesquisa ressalta também aspectos negativos relevantes à comunidade surda. Se a televisão tem seus pilares anexados na voz e em imagens, a população surda não consegue absorver a informação de forma completa e satisfatória, uma vez que os canais televisivos abertos, que podem atender demandas de analfabetos e noticiar com imagens um fato, não possuem um intérprete de libras em todos os programas, sejam eles jornalísticos ou não.

Assim, com os conceitos aqui apresentados, podemos supor que o jornalismo perde sua função social, já que não atende as necessidades de parte da sociedade. Além disso, não corresponde com as leis e direitos previstos nelas, interrompendo o desenvolvimento pessoal de um indivíduo e o excluindo, de modo que impossibilita a integração social.

A seguir, trataremos sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Será exposta a trajetória necessária para a oficialização da língua, assim como sua

importância para os surdos. As lutas deste grupo minoritário em nossa sociedade também serão explanadas.

2.2.1 A trajetória histórica da comunidade surda e a Libras

Para anular as diferenças e a falta de igualdade para os surdos e portadores de deficiência física, é preciso que a sociedade conheça as lutas das minorias. Para tanto, este capítulo irá tratar sobre a oficialização da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Porém, para fazer sentido, contextualizaremos a história e lutas da comunidade surda. Formas de aprendizagem desta minoria e comparações com o ensino de ouvintes também serão apresentadas neste trecho bibliográfico da pesquisa.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida como uma língua oficial da comunidade surda do Brasil, em 24 de abril de 2002. Segundo Pereira et. al. (2011) a Lei Federal n. 10, 436, regulamenta a educação dos surdos neste país.

A Libras teve que passar por vários educadores e pesquisadores para receber atenção especial. Como afirma Pereira et. al. (2011), as escolas de surdos trabalharam autodidaticamente contratando adultos que também eram surdos para que pudessem auxiliar os alunos surdos no aprendizado. Já as escolas regulares, também iniciaram a contratação de intérpretes da língua para ajudar nas relações entre professores e alunos surdos.

Em 22 de dezembro de 2005, alcançou-se mais uma conquista para a comunidade surda. Pereira et. al. (2011), relata que o Decreto Federal n.5626, determina, em seu Capítulo II, que todos os cursos para a formação de professores e fonoaudiólogos, incluíssem em seus currículos a Libras, de forma obrigatória. O Decreto estabelece que a disciplina seja ministrada por um professor surdo.

Ao contrário do que muitos imaginam, Gesser (2009) ressalta que a Libras possui gramática e não é uma língua universal. Além disso, a língua de sinais é natural, sendo desenvolvida ao longo da trajetória social e cultural do povo surdo.

Como argumento adicional à afirmação de Gesser (2009), Pereira et. al. (2011) aponta que a Libras também possui uma relação estreita com o ambiente, sendo uma língua que reflete a cultura daqueles que a utilizam, assim como o espaço-tempo em que está inserida.

Para Santana e Bergamo (2005), a Língua de Sinais é capaz de transformar a “anormalidade” do surdo em diferença, ou seja, em normalidade, de modo que os surdos passam a ser reconhecidos como sujeitos, cujos direitos necessitam ser respeitados. Dizeu e Caporali (2005) mencionam que a oficialização da Libras abriu caminhos e deu esperanças aos surdos, porém ressaltam que ainda assim a língua oral é imperativa, sendo que os surdos acabam sendo negligenciados durante o processo de aprendizagem, quando sua condição bilíngue não é respeitada.

Vivemos em uma sociedade na qual a língua oral é imperativa, e por consequência [sic] caberá a todos que fazem parte dela se adequarem aos seus meios de comunicação, independentemente de suas possibilidades. Qualquer outra forma de comunicação, como ocorre com a língua de sinais, é considerada inferior e impossível de ser comparada com as línguas orais (DIZEU; CORPORALI, 2005, texto digital).

A titularidade da língua oral sobre a de sinais ocorre há anos, sem que grandes mudanças sejam feitas. De acordo com Pereira et. al. (2011) os surdos já foram considerados seres místicos ou demoníacos e eram rotulados como um peso para a sociedade, sendo exterminados. Isto acontecia porque os surdos não conseguiam atender as expectativas no sentido intelectual que os ouvintes nutriam.

Segundo Pereira et. al. (2011), para os gregos, o pensamento estava condicionado à oralidade e como os surdos não ouviam e não sabiam expressar-se, não se desenvolveriam intelectualmente. Assim, os surdos eram obrigados a não utilizar nenhum gesto para efetuar a comunicação e muitos utilizavam a língua de sinais escondidos. Segundo Pereira et. al. (2011), somente a partir do século XVI é que buscou-se formas para educar os surdos, momento em que surgiram os primeiros educadores para tal propósito.

Nunes et. al. (2015) relata ainda que durante sua caminhada histórica, o surdo era visto como alguém que precisa transformar-se para assemelhar-se o máximo possível com o ouvinte. Após um congresso em Milão na Itália, em 1880,

que contou com a participação de somente um surdo, ficou definido que a educação de surdos deveria ser realizada através do oralismo, sendo que esta filosofia perdurou por 100 anos, exceto nos Estados Unidos, que continuaram utilizando a Língua de Sinais Americanas (ASL). Após um século e meio, como já mencionado, a Libras foi oficializada também no Brasil.

Além disso, Nunes et al. (2005) acrescenta que as Língua de Sinais ganharam força e receberam o estatuto de língua, após estudos dos Estados Unidos. As pesquisas ocorrem na década de 60.

Sobre a integração entre surdos e ouvintes, Dizeu e Corporali (2005) apontam que a Libras vai além de uma simples forma de comunicação e deve ser vista como língua. Para eles, a visão de que o surdo é alguém que se comunica pela Libras somente porque não consegue oralizar palavras, os prejudica, fazendo com que os alunos surdos não participem do processo de integração social, “isso acaba refletindo, principalmente, no desenvolvimento de sua linguagem, sendo então o surdo silenciado pelo ouvinte, por muitas vezes não ser compreendido” (DIZEU; CORPORAL, 2005, texto digital).

Nunes et al. (2015), corrobora com Dizeu e Corporali (2005), afirmando que entraves ainda são percebidos, no que se refere à Libras, ou seja, menciona que vários setores da vida social dos surdos são prejudicados com a falta de oportunidades para que possam exercer seus direitos. Nunes et al. (2015) diz que é comum surdos serem privados da educação, cultura, informação e lazer, dentre outros meios:

Por exemplo, quanto à política de educação, frequentemente as escolas regulares colocam como requisito de escolarização dos alunos surdos o enquadramento aos padrões ditos "normais", desrespeitando o desenvolvimento das singularidades destes. Ou seja, valorizam-se, exclusivamente, a oralização e a leitura labial, em detrimento da comunicação, não apenas em sala de aula, pela Libras (NUNES, et al., 2015, texto digital).

Para evitar constrangimentos e desrespeitos aos direitos do surdo, Nunes et al. (2015) conta que em 2002, o Ministério da Educação (MEC) elabora e lança um programa de educação para os surdos, o Programa Nacional de Educação de

Surdos. O projeto tem como objetivo capacitar professores surdos para ministrarem cursos de Libras para então, formarem tradutores e intérpretes de Libras. O projeto também previu a formação de professores de Língua Portuguesa.

Para que o programa pudesse ocorrer o MEC criou, conforme Nunes et. al. (2015), um Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às pessoas com Surdez (CAS). Esta implantação possibilitou também o aprendizado bilíngue, que motiva que “[...] crianças surdas se desenvolvam por meio da língua de sinais e, posteriormente, também aprendam o português, podendo usar a modalidade oral-auditiva e/ou escrita” (NUNES, et. al., 2015, texto digital).

Nunes et. al (2015) considera estas ações do governo como avanços, no campo científico e também nos campos normativo e jurídico. Isso evidencia e comprova que o surdo pode ser independente e ter acesso a qualquer conhecimento através da Língua de Sinais.

Porém, após esta contextualização, ainda é preciso esclarecer que língua não é o mesmo que linguagem. Para Saussure (2006) a linguagem é natural e a língua é adquirida. Esta última precisa “subordinar-se ao instinto natural em vez de adiantar-se a ele” (SAUSSURRE, 2006, texto digital).

Portanto, Saussure (2006) deixa claro que a língua é uma convenção. Algo que é discutido por um determinado grupo de pessoas, que concordam em usar uma determinada palavra para nomear um objeto, definindo o signo que corresponde à significados diferentes, por exemplo. Já a linguagem, constitui o pensamento do indivíduo.

Dizeu e Caporali (2005) esclarecem que desde pequenas as crianças ouvintes são expostas à oralização das palavras, assim, a criança conseguirá adquirir mais facilmente a língua natural, pois irá entendendo e fazendo trocas comunicacionais com os outros indivíduos. Assim, os conceitos expostos por Saussure (2006) fazem sentido na prática quando diz que a língua não é natural e sim adquirida.

Porém, Dizeu e Caporali (2005) expõem um problema, explicando que a criança surda não possui esta mesma oportunidade, já que não consegue compreender o que está sendo oralizado, “os equipamentos sociais disponíveis que oferecem atendimento aos surdos ainda estão, em sua maioria, engajados com uma prática na qual a oralidade é tida como foco do desenvolvimento” (DIZEU; CAPORALI, 2005, texto digital).

Dizeu e Caporali (2005) acrescentam ainda que a sociedade atual não está preparada para receber a criança surda, pois este grupo não consegue ter condições favoráveis à consolidação de uma língua desde pequenos.

“Sendo assim, podemos depreciar relatos que afirmam ser a surdez causadora de limitações cognitivas e afetivas, pois a verdadeira limitação está nas condições oferecidas a esse sujeito surdo” (DIZEU; CAPORALI, 2005, texto digital).

Ao final deste subcapítulo, pode-se perceber que a sociedade sempre exclui as minorias. As dolorosas fases em que os surdos tiveram de passar pela falta de conhecimento que a população tinha, existem desde passados remotos. Os atuais avanços mencionados ainda parecem não ser suficientes para sanar todas as dificuldades que o surdo enfrenta desde o seu nascimento. Até aqui, podemos perceber que estas dificuldades só existem pela falta de entendimento e empatia do mundo ouvinte. A seguir, evidenciaremos formas e dispositivos inclusivos que podem ser utilizadas para que produtos jornalísticos televisivos possam ser consumidos também pelos surdos.

2.2.2 Produção jornalística inclusiva

Como principal meio de comunicação de massa, a televisão precisa atentar-se às premissas de inclusão. Porém, ela também pode negligenciar os surdos, como ocorre na educação. Para que a população surda possa assistir, compreender e propagar o que se passa nas programações telejornalísticas, é preciso que alguns métodos inclusivos sejam adotados. Neste subcapítulo iremos apresentar formas

dos profissionais de comunicação alcançarem resultados favoráveis ao público surdo, segundo os autores pesquisados.

Conforme citam Amaral e Souza (2002), o Estado não controla as emissoras privadas e ignora as práticas das emissoras públicas, que deveriam buscar uma solução imediata para eliminar as barreiras comunicacionais. Para solucionar o problema, é necessário a implementação dos sistemas de legenda fechada, conhecidos como *closed caption* e o uso da Libras.

Amaral e Souza (2002) explicam que o *closed caption* é um recurso da televisão eletrônica, feito em tempo real, que utiliza as legendas de palavras em todas as mensagens transmitidas pelas emissoras de televisão,

[...] Nas imagens em que predominam, muito, preto e branco, o *closed caption* é azul, vermelho ou verde. Existe, nos aparelhos de televisão, um intervalo vertical de apagamento no sinal de vídeo do televisor. O intervalo corresponde a um número de linhas de vídeo. Na linha 21, são colocadas as informações de "*closed caption*" 33, ou seja, na parte inferior do vídeo aparecem as legendas fechadas (AMARAL; SOUZA, 2002, texto digital).

Além disso, o uso da legenda em notícias deverá informar em uma entrevista, por exemplo, quando alguém está gritando, chorando ou se uma música está sendo tocada ao fundo. Entretanto, de acordo com Santos e Santos (2016, p. 8, texto digital) nem sempre o *closed caption* é o método mais indicado para atender as necessidades dos surdos, já que a maioria deles utiliza como primeira ou até única língua, a Libras. Assim, alguns encontram dificuldade de assimilar as informações recebidas através do texto escrito em português.

Santos e Santos (2016, texto digital) explicam que ainda melhor do que o *closed caption*, é a utilização da janela de Libras, que é um espaço no vídeo em que um intérprete traduz o que está sendo dito para a Libras.

Outros dois recursos ainda podem ser utilizados para tornar o conteúdo transmitido pelas emissoras mais acessível: a dublagem e a áudiodescrição. A dublagem faz a tradução de um vídeo que estava em outra língua, conforme Santos e Santos, apud. ABNT (2016, texto digital) e a áudio descrição de imagens, narra

sons, elementos visuais, gesto a até as roupas utilizadas por quem está aparecendo na tela.

No entanto, não existe uma política interna pré-estabelecida em todos os veículos no sentido de tornar seus conteúdos acessíveis, pois conforme Amaral e Souza (2002, texto digital), as emissoras de televisão parecem se preocupar somente com os lucros, sendo dominadas por esta lógica que vai contra a questão jurídica que se dedica aos princípios fundamentais.

Por mais que exista regulamentação, para Santos e Santos (2016, texto digital), o público surdo ainda não consegue alcançar de forma independente o conteúdo produzido pelas emissoras de televisão, já que mesmo os recursos sendo previstos em lei, são pouco utilizados. Santos e Santos (2016) ainda ressaltam que é curioso as emissoras não se preocuparem em produzir conteúdo acessível, já que os recursos tecnológicos disponíveis atualmente não apresentam grandes dificuldades para serem aplicados, ainda mais com a TV Digital.

De acordo com a Portaria Nº - 310, de 27 de junho de 2006, divulgado no Diário Oficial da União pelo Ministro das Comunicações fica claro que é necessário buscar maneiras de tornar os produtos audiovisuais acessíveis aos surdos. A norma complementar Nº 01/2006 anexada à portaria, é preciso que os programas televisivos ofereçam: Legenda Oculta; Audiodescrição e Dublagem. Ainda, define que os programas que compõem a programação político-partidária e eleitoral, assim como campanhas institucionais e informativos de utilidade pública devem conter janela com intérprete de Libras.

Ademais, ainda fala sobre a implementação da televisão digital no Brasil que deverá permitir o acionamento opcional da janela de Libras, bem como permitir a inserção de locução na Língua Portuguesa.

Sobre essa portaria, salvam-se algumas exceções em que a obrigatoriedade dos dispositivos de acessibilidade não se fazem necessários. Uma delas é na programação de caráter estritamente local com duração de até 30 (trinta) minutos.

Neste subcapítulo evidenciamos a importância e também os erros do *closed caption*. Tivemos o intuito de mostrar formas para que o surdo consiga aproveitar de forma satisfatória o que é transmitido durante os telejornais, que são programas com o objetivo de informar a população. A seguir, apresentaremos a teoria do *Newsmaking*, a conceituando e exemplificando sua relação com a pesquisa.

2.3 Teoria do Newsmaking

Neste capítulo abordaremos os conceitos que definem a teoria do *Newsmaking*. Exemplificaremos também quais as rotinas jornalísticas que a permeiam. Esta teoria que tem relação com o fazer jornalismo e sua pré-produção solicita que o jornalista tome diversas decisões que influenciam diretamente em seu trabalho e na sua rotina organizacional. Assim sendo, apresentamos estes conceitos, já que fazer jornalismo de forma acessível ou não, acaba sendo uma decisão organizacional, que pode ser negociada entre repórter e editor, e deste com seus chefes, por exemplo. Entender como a organização e suas lógicas interferem no processo produtivo de um jornalista também se faz necessário.

Conforme Pena (2008) o jornalismo não consegue transmitir inteiramente a realidade, não sendo o espelho da realidade. Assim sendo, o jornalismo é uma construção social do que supostamente é a realidade. De acordo com Pena (2008) é através desta busca da realidade que jornalistas vão atrás de discursos, ouvem diferentes pessoas e/ou testemunham fatos para criar o que se é chamado de notícia, “assim, a imprensa não reflete a realidade, mas ajuda a construí-la” (PENA, 2008, p. 128).

Dessa forma, Pena (2008) ressalta a Teoria do *Newsmaking* que se preocupa com as práticas que antecedem a notícia ou então sua construção. Aliás, a base desta teoria é o paradigma da construção social da realidade. O processo de produção de uma notícia é chamado por Pena (2008) de um planejamento de rotina industrial, já que segue seus próprios procedimentos e limites organizacionais. Sendo eles a organização do trabalho, como a coleta, produção e difusão durante todo o processo de construção da notícia; os rituais, convenções e concepção do

que é ser jornalista e critérios de noticiabilidade. Além disso, os processos produtivos das empresas jornalísticas também orientam essa teoria:

Diante da imprevisibilidade dos acontecimentos, as empresas jornalísticas precisam colocar ordem no tempo e no espaço. Para isso, estabelecem determinadas práticas unificadas na produção de notícias. É dessas práticas que se ocupa a teoria do *newsmaking* (PENA, 2008, p. 130).

Segundo Rocha e Silva (2019) a teoria do *newsmaking* auxilia no entendimento de por que as notícias seguem determinadas características. Além disso, também possibilita compreender o por que de diferentes relatos de um mesmo fato, produzidos por jornalistas diferentes possuem variações de um veículo para outro.

Para Pena (2008) por mais que o jornalista participe ativamente da produção de uma notícia, ele não tem uma autonomia incondicional. Pelo contrário, pela forma como a notícia é organizada o jornalista se submete a um planejamento produtivo. Pena (2008) ainda ressalta que em decorrência do processo, a chance de um jornalista manipular ou influenciar algum aspecto da notícia é abreviada:

Assim, uma suposta intenção manipuladora por parte do jornalista seria superada pelas imposições da produção jornalística. Ou seja, as normas ocupacionais teriam maior importância do que as preferências pessoais na seleção e filtragem das notícias (PENA, 2008, p. 129-130).

Sobre a prática da noticiabilidade, Pena (2008) relata que ela é um conjunto de instrumentos, operações e critérios para poder escolher o que noticiar entre diferentes fatos. Esta prática é geralmente negociada entre repórteres, editores e diretores. Os jornalistas não escolhem os fatos aleatoriamente, mas prestam atenção e baseiam-se nos valores-notícia que se tornam uma espécie de senso comum dos profissionais da comunicação.

Mais uma das práticas que permeia a teoria do *newsmaking* é a sistematização do trabalho jornalístico. De acordo com Pena (2008), cada função tem suas obrigações específicas, mesmo que estejam interligadas e cada repórter, editor e pauteiro têm suas rotinas e tarefas. Além disso, o horário de fechamento de

uma edição e o cartão ponto que indica o encerramento da jornada de trabalho, completam para Pena (2008) a trilogia organizacional.

Essas práticas jornalísticas, para Rocha e Silva (2019), exigem que o repórter escolha e tome diversas decisões complexas, envolvendo seus valores pessoais e também a sua rotina de trabalho.

Rocha e Silva (2019) citam Traquina (1993) que afirma que analisar o trabalho dos repórteres em conjunto, é um dos fatores mais importantes para entender o que é o *newsmaking*. Os profissionais da comunicação são subordinados do tempo em que precisam finalizar suas rotinas diárias, assim como condicionados a um espaço predeterminado. Assim, acabam escolhendo técnicas e aspectos para transformar um acontecimento em um produto.

A divisão proposta por teóricos do jornalismo integra a interação de seis forças ou ações, que de acordo com Pena (2008) são propostas por Michael Schudson e Shoemaker & Reese e organizadas por Jorge Pedro Souza (2000) e que demonstram como uma notícia surge. São elas: ação pessoal, que define-se como um resultado das pessoas e de suas intenções; ação social, que exemplifica como as notícias são fruto de ocorrências e constrangimentos do sistema social; ação ideológica, que afirma que as notícias são originadas de interesses de um grupo, ação cultural, que estabelece que notícias são resultado do sistema cultural em que estão inseridas, ação do meio físico, que delibera sobre como as notícias dependem dos dispositivos tecnológicos usados em sua fabricação e por fim a ação histórica, que expõe que a notícia é um resultado da história e das interações das outras cinco forças ou ações citadas.

A teoria do *Newsmaking* surgiu na década de 1970, conforme Rocha e Silva (2019) ao citar Wolf (1985), quando seus estudos foram públicos por: Warner (1971); Elliott (1972); Epstein (1973). Tuchman (1978); Golding e Elliott (1979). Algumas das pesquisas publicadas e citadas tiveram uma aproximação da sociológica, já que utilizaram técnicas da etnografia, como por exemplo, a observação fundamentada e registrada por meio de cadernos de campo sobre as práticas utilizadas pelos jornalistas.

Pena (2008) afirma que por mais que os processos jornalísticos perpassam rotinas quase que industriais, fatores criativos devem e podem surgir de iniciativas dos jornalistas:

[...] não é possível encarar os pressupostos de “rotinização” do trabalho, do processo de produção e da cultura jornalística como pontualmente deterministas. Eles não são módulos uniformes e imutáveis. Há espaços de manobra para os jornalistas e eles estão localizados na interação com os agentes sociais (PENA, 2008, p. 132).

O processo de produção de notícias pode ser interativo para Pena (2008), que diz que só depende dos profissionais da comunicação romper com certas rotinas e atender iniciativas e demandas da sociedade. Para isso, existem redes de fontes, formas de negociação e também o talento para a investigação.

No próximo capítulo, exemplificaremos quais os métodos e procedimentos serão adotados para realizar a análise documental. Conceitos e pesquisas bibliográficas também estarão presentes a seguir.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo evidencia-se os procedimentos metodológicos que irão possibilitar o desenvolvimento deste trabalho. Para exemplificar cada uma das escolhas traremos conceitos de diferentes autores.

Esta investigação caracteriza-se como qualitativa, pois conforme Goldenberg (1998), este método consegue demonstrar cada particularidade que um fenômeno pode ter. A partir desta escolha, o pesquisador consegue exemplificar qual o

significado de cada padrão existente no objeto de estudo. Desta forma, conseguiremos entender quais as barreiras que o surdo enfrenta para ter acesso à informação de qualidade e de forma independente, através do telejornalismo, compreendendo os fenômenos em todos os âmbitos, já que a pesquisa qualitativa evidencia aspectos subjetivos daquilo que é estudado. “A pesquisa qualitativa é útil para identificar conceitos e variáveis relevantes de situações que podem ser estudadas quantitativamente” (GOLDENBERG, 1998; p.63).

Quanto à finalidade, para a realização da pesquisa será feito um questionário e praticaremos a observação sistemática a partir dos dados coletados. Além de ser um trabalho que caracteriza-se como uma pesquisa descritiva e exploratória, já que discorre sobre os programas da RBS TV RS, emissora comercial e da emissora pública, TV Cultura. Conforme Gil (2010) o objetivo de ser fazer uma pesquisa exploratória, é o de aproximar-se o máximo possível do objeto estudado, familiarizar-se com o assunto, para que seja possível a construção de hipóteses. Já a pesquisa descritiva é para o autor uma forma de salientar as características daquilo que é estudado. Para fazer isto, Gil (2010) relata ser necessário utilizar técnicas padronizadas para coletar dados, como questionários.

Usa-se o método explicativo também, pois conforme Gil (2010) a preocupação do estudo explicativo é o de evidenciar o porquê das coisas acontecerem de determinada forma. Ela identifica os fatores determinantes ou contribuintes para a ocorrência dos fatos, aprofundando sua contextualização do assunto e o conhecimento da realidade.

Este trabalho caracteriza-se como um estudo bibliográfico, já que diversos autores serão pesquisados para embasar conceitos a que este estudo se refere. Além disso, artigos científicos e publicações periódicas também serão consultados em bancos de pesquisa como o da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Conforme Stumpf (2008) a pesquisa bibliográfica faz parte do planejamento inicial de qualquer estudo científico. Ademais, ela engloba a identificação, localização e obtenção da bibliografia sobre o assunto, indo até a apresentação de um texto sistematizado, com toda a bibliografia

pesquisada. Ela serve para evidenciar o pensamento dos autores, assim como o entendimento e acréscimo de ideias e opiniões do pesquisador.

Na pesquisa de campo, o tipo de amostra adotado é a não probabilística, utilizando o subtipo por acessibilidade. Neste caso, selecionaremos elementos pela facilidade de acesso a eles, não considerando seu procedimento estatístico.

Ademais, analisaremos durante uma semana como a emissora de televisão aberta estadual e comercial exibiu seus conteúdos e quais foram eles. A emissora escolhida, por meio da acessibilidade e tipicidade como mencionado, nesta pesquisa será a RBS TV sendo escolhida a sede de Porto Alegre no Rio Grande do Sul. A pesquisa documental foi delimitada a partir de reportagens audiovisuais exibida pela emissora, durante uma semana, do dia 24 ao dia 29 de setembro de 2018. É importante ressaltar que somente um programa telejornalístico será escolhido, sendo ele: Jornal do Almoço da RBS TV.

Iremos analisar também o Jornal da Cultura, transmitido pela emissora TV Cultura. Portanto, neste trabalho teremos emissoras de vertentes distintas, já que a RBS TV tem cunho comercial e opera em sinal estadual. Do outro lado, entra nesta pesquisa os conteúdos transmitidos pela TV Cultura, uma emissora pública de âmbito nacional. A escolha foi feita por acessibilidade, visando compreender com uma televisão educativa (TV Cultura) se comporta durante suas transmissões a contrapondo com uma televisão comercial, ainda que estadual (RBS TV).

A análise da TV Cultura será feita na semana dos dias 23 de setembro a 27 de setembro de 2019. A descrição e investigação irá acontecer em dois períodos, já que a TV Cultura utiliza intérprete de Libras em seu programa desde 29 de julho de 2019. A emissora é a primeira do país a ter produção própria de acessibilidade.

No dia 26 de setembro é comemorado o Dia Nacional do Surdo, dessa forma analisaremos como as reportagens e entrevistas habituais do programa foram exibidas, verificando se as emissoras utilizaram algum recurso de inclusão para surdos. Iremos observar se a comunidade surda foi evidenciada nos telejornais e

caso tiver sido, analisaremos como o assunto foi abordado e se houve a presença do intérprete de libras para facilitar o acesso a informação.

Ademais, observaremos também formas e hábitos de consumo televisivos pelos surdos. Assim identificaremos as dificuldades e necessidades dos surdos no acesso a informação através do telejornalismo. Os quinze surdos participantes da Associação de Surdos de Lajeado/RS (Asla) foram convidados a responder um questionário online. O convite foi feito por meio de um vídeo feito pela pesquisadora em Libras e enviado aos participantes.

Cabe citar que somente quatro surdos responderam ao formulário. Para a coleta dos dados será utilizado questionário, contendo perguntas fechadas, abertas e mistas. O material foi encaminhado via formulário online.

Segundo Moreira (2008) a pesquisa documental é semelhante à bibliográfica e pode ser feita a partir de documentos pessoais ou privados, sendo eles, fotografias, cartas, registros, relatórios entre outros.

Conforme Goldenberg (1998) o questionário geralmente é feito com as pessoas que mais sabem sobre o assunto. Porém, ela ressalta a importância de trazer as reflexões de pessoas que nunca foram entrevistadas, pois o resultado pode ser positivo. O mesmo autor também menciona que um dos maiores problemas de utilizar este método é o de identificar se o entrevistado está realmente dizendo a verdade. Para a elaboração de uma entrevista e/ou questionário, Goldenberg diz que o pesquisador precisa saber o que quer perguntar; decidir a sequência das perguntas; ver o grau de dificuldade de cada questão; decidir se irá usar perguntas abertas, fechadas, assistemáticas ou projetivas.

Para realizar a pesquisa, será necessário aplicarmos uma técnica de análise. Conforme Lago e Benetti (2008), a análise de conteúdo em jornalismo pode ser usada para detectar tendências e modelos da análise dos critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. Além disso, ela serve para classificar e descrever produtos, no que diz respeito a gênero e formato adota jornalisticamente. para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, “ [...] para

identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias e para comparar o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas” (LAGO; BENETTI, 2008, p. 123).

Ainda, Lago e Benetti (2008) salientam que a análise de conteúdo é capaz de promover uma espécie de integração entre as pesquisas quantitativas e qualitativas. Esta técnica é capaz de trazer riqueza a um trabalho, pois conforme é descrito pelos autores, o uso conjunto, ou seja quali-quanti, consegue descobrir o significado de um fenômeno em toda a sua complexidade e contexto.

[...] Para Robert Weber (1990), professor de Harvard e autor de um dos manuais mais conhecidos de análise de conteúdo, a combinação operacional de aspectos quantitativos e qualitativos produz os melhores estudos de análises de conteúdo em textos (LAGO; BENETTI, 2008, p. 126).

A análise de conteúdo jornalística é caracterizado por Lago e Benetti (2008) como um meio que recolhe, analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, sejam elas gravadas ou veiculadas de forma eletrônica ou digital, retirados dos veículos de comunicação.

Neste capítulo falamos como produzimos e desenvolvemos a pesquisa, levando em consideração autores clássicos que discorrem sobre análise de conteúdo, questionários, assim como pesquisas bibliográficas. A seguir, descrevemos as emissoras que serão o objeto de estudo, bem como a Associação de Surdos de Lajeado/RS (Asla).

4 CONTEXTUALIZAÇÃO

4.1 As emissoras

Neste capítulo descrevemos as duas emissoras que irão compor a análise deste trabalho: Rede Brasil Sul de Televisão (RBS TV), canal comercial que transmite sua programação para o estado do Rio Grande do Sul e a TV Cultura que transmite em âmbito nacional, sendo esta uma emissora pública. Na sequência iremos abordar a Associação de Surdos de Lajeado/RS (Asla), que é o objeto de investigação junto com participantes surdos.

Nesta etapa, ainda contextualizamos também os programas telejornalísticos analisados neste trabalho, sendo eles: Jornal do Almoço (RBS TV) e Jornal da Cultura (TV Cultura).

4.1.1 Rede Brasil Sul de Televisão (RBS TV)

A RBS TV⁵ faz parte de um conjunto de veículos gerenciados pelo Grupo RBS. Conforme descrito em seu portal, o que move a empresa é o propósito de fazer jornalismo e entretenimento que conectem os gaúchos. Para cumpri-lo, o grupo comanda, além do canal de televisão, os jornais impressos, Zero Hora, Diário Gaúcho e o Pioneiro. Além destes, possui também a rádio Gaúcha e o portal de notícias Clic RBS.

O canal de televisão foi fundado em 20 de dezembro de 1962, quando a TV Gaúcha foi ao ar no canal 12 de Porto Alegre. Quatro anos após, a emissora afiliou-se à Rede Globo. O canal de televisão é composto atualmente por 12 emissoras espalhadas por todo o Rio Grande do Sul (RS), estando presentes nas cidades de

⁵ As informações presentes neste subtítulo podem ser conferidas nos sites: <https://www.gruporbs.com.br/atuacao/rbstv/> <http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/rbstvrs/pagina,545,0,0,0,Sobre-o-programa-JA.html>

Porto Alegre, Bagé, Caxias do Sul, Cruz Alta, Erechim, Passo Fundo, Pelotas, Rio Grande, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santa Rosa e Uruguaiana.

Segundo informações do portal, atualmente a RBS TV possui uma cobertura de 98,8% do RS, alcançando 497 municípios e mais de 11 milhões de telespectadores. Um de seus principais telejornais e programas da emissora, o Jornal do Almoço estreou em 1972 e é transmitido às 11h45min da manhã, de segunda à sábado. A duração do programa é de aproximadamente 28 minutos e informa os telespectadores por meio de assuntos diversos como noticiário factual, musicais, cultura, variedades, entrevistas e comentários. A característica principal do programa é o seu caráter descontraído e informal.

4.1.2 TV Cultura

A TV Cultura⁶ é uma emissora de televisão pública de canal aberto e faz parte da Fundação Padre Anchieta. Compõe ainda a fundação, a emissora de TV a cabo por assinatura, a TV Rá-Tim-Bum e duas emissoras de rádio: a Cultura AM e Cultura FM. Estes canais são mantidos e custeados através de dotações orçamentárias legalmente estabelecidas, assim como com recursos próprios obtidos junto à iniciativa privada.

De acordo com Rocha (2010) a história da TV Cultura pode ser dividida em quatro fases: a primeira quando tinha objetivos lucrativos e pertencia aos Diários Associados, de Assis Chateaubriand; a segunda quando o canal é comprado pelo Estado de São Paulo e começa a ser administrada pela Fundação Padre Anchieta; a terceira fase é quando foi gerida pelo jornalista Roberto Mulyaert, e quase chegou ao conceito ideal de TV pública e por fim, a quarta fase quando Jorge da Cunha Lima assume a gestão da emissora até o ano de 2006. Neste momento houve uma crise financeira.

⁶ As informações presentes neste subtítulo podem ser conferidas no site: <https://tvcultura.com.br>

De acordo com o Código de Ética da Fundação Padre Anchieta, publicado em novembro de 2018⁷ deixa claro que o objetivo geral e principal da fundação é o de promover atividades educativas e culturais por meio de todas as mídias, para que a defesa e o aprimoramento integral da pessoa humana, reconhecendo os bens constitutivos da sociedade brasileira seja efetivamente cumprido.

Conforme informações dispostas no site da Câmara dos Deputados⁸ a TV Cultura possui duas datas de fundação: a primeira foi em 20 de setembro de 1960, quando o canal surgiu dos Diários Associados. Após, foi refundada como a conhecemos atualmente em 15 de junho de 1969 pela Fundação Padre Anchieta. A fundação não possui fins lucrativos, sendo que recebe recursos públicos do governo de São Paulo, recursos privados, apoios culturais e doações para produzir programas educativos e culturais.

A TV Cultura é a primeira do país a ter produção própria de acessibilidade, transmitindo 24 horas por dia de *closed caption*. Além disso, ultrapassa as exigências da Anatel, já que possui 28 horas semanais de audiodescrição e 11 horas semanais de Libras.

Entre os telejornais da emissora TV Cultura, está o Jornal da Cultura, que vai ao ar de segunda a sexta-feira das 13h às 13h45min. O jornal apresenta os principais fatos do Brasil e do mundo, sempre com comentários de especialistas. Aldo Quiroga e Joyce Ribeiro são os âncoras do programa e apresentam o noticiário nacional, pautado por matérias da capital, da Grande São Paulo e do interior do Estado. O jornal também costuma transmitir reportagens especiais. Também existe espaço para o esporte brasileiro e mundial.

4.2 Associação de Surdos de Lajeado/RS (Asla)

⁷ O código de ética de novembro de 2018 pode ser conferido através do link:

https://tvcultura.com.br/upload/fpa/sobre/20181219174646_co-digo-de-e-tica-novembro-2018-a5.pdf

⁸ As informações presentes neste parágrafo podem ser verificadas no site:

<https://www.camara.leg.br/radio/programas/376932-a-tv-cultura-foi-fundada-em-1969>

A Associação de Surdos de Lajeado a (Asla), teve início com visitas em uma casa onde morava a única família de surdos da cidade. Conforme a atual presidente⁹ da associação, Indiara C. Rigatti, não haviam muitos surdos na época, a senhora. Adolina Pilger e o senhor Frederico B. Krüger tiveram dez filhos e seus últimos três filhos nasceram surdos, com o tempo outros surdos que residiam nos interiores do Vale do Taquari, Rio Pardo e região metropolitana foram aparecendo nessa casa sendo acolhidos pela família.

Os encontros ocorriam nos finais de semana e com o passar do tempo uma escola estadual de Lajeado fundou uma classe especial, a qual deu oportunidade de estudo aos jovens surdos. Em 1993, o frei Luis Fernando Tavares trouxe à cidade a Língua Brasileira de Sinais. Neste mesmo ano iniciou-se uma organização das pessoas surdas e familiares ouvintes, por meio da fundação Associação Regional dos Colaboradores e Amigos dos Deficientes Auditivos de Lajeado (Arcada). Esta fundação deu início às atividades de ensino de Libras, assim como às visitas as famílias de surdos. Os encontros ocorriam na Paróquia São Cristovão, sendo que familiares ouvintes participavam, orientado e auxiliando na organização das reuniões e eventos promovidos.

Em 2000, os surdos decidiram mudar o nome da associação para Asla. Os encontros ocorreram na paróquia até 2012. Após, as reuniões eram realizadas na sede Ello, um espaço que é dividido com duas outras entidades.

O público alvo da Asla são os usuários da assistência social do município. Frequentam a associação pessoas que possuem algum tipo de deficiência auditiva ou surdez, de qualquer idade, sexo, cor, religião, sem nenhum tipo de discriminação.

Um dos objetivos da associação é dar apoio, orientação e fazer o encaminhamento para acesso a serviços, programas, bens públicos de direito social. Este trabalho é realizado pela equipe técnica.

Além disso, a equipe identifica necessidades por meio da observação, diagnóstico, acolhida e escuta. E, realiza também, o trabalho técnico social com as

⁹ As informações apresentadas neste subcapítulo foram concedidas pela presidente da Asla via e-mail.

famílias, priorizando o fortalecimento de vínculos, bem como com a comunidade, vislumbrando sensibilizar a comunidade para a importância de valorizar a cultura surda, promover a inclusão social da pessoa com deficiência, contribuindo para a autonomia e protagonismo dos usuários. Os serviços são ofertados em duas modalidades de atendimento articuladas entre si e executadas pela equipe técnica de serviço de acolhida e de convivência.

Dentre os objetivos da associação está o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários dos usuários; promoção do acesso a bens e serviços públicos nas políticas sociais, bem como programas e benefícios dos quais são público-alvo; favorecimento da Inclusão Social; viabilização à inserção no mercado de trabalho; sensibilização da Comunidade em valorizar a Cultura Surda; empoderamento dos usuários na construção de sua identidade; contribuição para exercício da autonomia e protagonismo social; defesa de direitos e garantias e o comprometimento com a cidadania, equidade e justiça social.

Atualmente as atividades em grupo são realizadas quinzenalmente aos sábados conforme calendário divulgado na página da *web* no *Facebook* Asla Ello¹⁰. As reuniões, que são abertas a comunidade em geral, acontecem no Parque dos Dick ou na sede da entidade, dependendo da previsão do tempo.

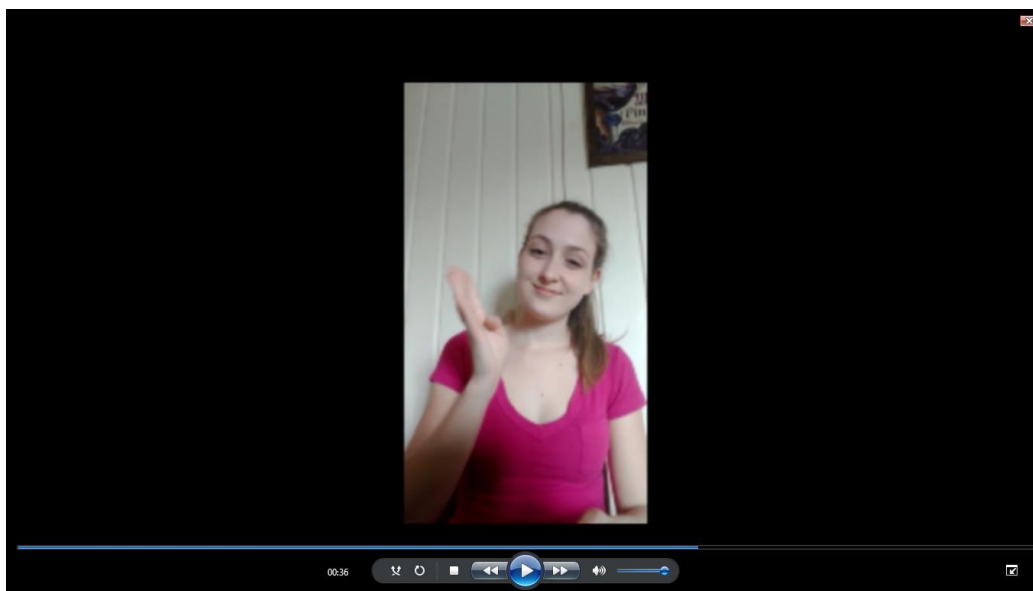
Durante os encontros são promovidas dinâmicas e interações entre usuários, familiares, profissionais e a comunidade. A entidade recebe recursos financeiros através do Termo de Fomento celebrado com o município de Lajeado, tendo 15 famílias cadastradas. A Asla também é cadastrada no Programa da Nota Fiscal Gaúcha e Mesa Brasil.

A Associação de Surdos de Lajeado conta com uma diretoria composta de pessoas surdas e ouvintes, sendo representada pela Presidente Indiara C. Rigatti (surda), e pela equipe técnica formada por assistente social, assessora para assuntos internos, pedagoga e psicóloga.

¹⁰ O link para a página do *faceboook* da Asla pode ser acessado aqui: <https://www.facebook.com/AslaEllo/>

Os surdos foram convidados a participar do questionário online pelo aplicativo *whatsapp*. O convite foi feito pela pesquisadora por meio de um vídeo em Libras.

Figura 2 – Convite para questionário em Libras para comunidade surda



Fonte: Da autora (2019).

5 DESCRIÇÃO DOS MATERIAIS MUDIÁTICOS

5.1 Jornal do Almoço RBS TV

O Jornal do Almoço da RBS TV, afiliada Rede Globo, é transmitido de segunda a sábado às 11h45min da manhã. O programa tem como propósito informar os telespectadores por meio de assuntos diversos como noticiário factual, musicais, cultura, variedades, entrevistas e comentários. Neste trabalho, o material¹¹ escolhido para a análise foi transmitido do dia 24 de setembro a 29 de setembro do ano de 2018.

5.1.1 Edição de 24 de setembro de 2018

O programa exibido no dia 24/09/2018 (segunda-feira), teve a duração de 28 minutos e inicia com a âncora falando sobre tempestades que assolaram todo o estado em uma nota coberta que depois é transformada em uma passagem¹² do repórter dando mais informações no local de alagamento.

¹¹ O material descrito está disponível no site da Globo Play: <https://globoplay.globo.com/jornal-do-almoco/p/5598/>.

¹² De acordo com Carvalho [et al.] (2010), a passagem é usada para destacar uma informação no texto que precisa que o repórter apareça na tela, por não ter imagens correspondentes e por isso não seria possível fazer um *off*.

Figura 3 - Imagem em grande plano



Fonte: Imagem capturada pela autora (MASSONI, 2019) do Jornal do Almoço (RBS TV) do dia 24/09/2018.

Após, mais duas notas cobertas¹³ são feitas, o assunto é de entretenimento: a apresentação de um cantor italiano em Porto Alegre e a música ao vivo no estúdio de Léo Pain, participante do *reality show* *The Voice*. Estas foram as manchetes antes da vinheta¹⁴ ser passada.

Posteriormente, a apresentadora lê a cabeça¹⁵ da matéria sobre o show de Andrea Bocelli. A reportagem entra no ar, com a câmera em movimento seguindo o público da apresentação do cantor. Visto que o artista é estrangeiro, as suas respostas foram dubladas para o português, sem que houvesse uma legenda na tela. A matéria teve a duração de 06 minutos e 79 segundos.

Em seguida, a âncora reaparece e chama o quadro JA Ideias. A vinheta é passada e a imagem volta para o estúdio com a mesma apresentadora. O momento é de entrevista. A câmera varia de uma para outra em plano americano, primeiro plano e plano médio. A imagem movimenta-se de forma lenta em alguns momentos. A entrevista teve a duração de 4 minutos e 40 segundos.

¹³ De acordo com Bistane e Bacellar (2005) nota coberta é um texto coberto por imagens que pode ou não ser gravado.

¹⁴ Para Balogh (2015) a vinheta consegue situar o espectador o dizendo que ele está ligado novamente ao programa ou emissora. Ela é uma junção de imagens, sons, logotipos e/ou caracteres.

¹⁵ Conforme Bistane e Bacellar (2005) cabeça é um texto lido pelo apresentador para chamar uma matéria. Possui as informações mais relevantes da reportagem.

Figura 4 – Entrevista em plano médio



Fonte: Imagem capturada pela autora (MASSONI, 2019) do Jornal do Almoço (RBS TV) do dia 24/09/2018.

Imediatamente, a apresentadora fala sobre as chuvas que serão abordadas no próximo bloco e chama o intervalo. O jornal volta a ser apresentado e a âncora chama a nota de 53 segundos que fala sobre assassinatos ocorridos na capital.

Novamente, em plano americano, a apresentadora fala sobre uma unidade de saúde que ainda não está em funcionamento por entraves burocráticos. Para comentar o caso, uma repórter é chamada para uma entrada ao vivo feita diretamente da cidade de Brasília. O tempo da chamada ao vivo foi de 1 minuto e 24 segundos.

Posteriormente, o quadro “Se eu fosse governador” começa a ser transmitido. A duração é de 59 segundos. Pessoas comuns de cidades diferentes do Rio Grande do Sul como Alvorada, Passo Fundo e Esteio, falam sobre o que gostariam de fazer caso fossem governantes.

Após, a imagem volta para o estúdio e a âncora começa a falar sobre futebol para chamar uma apresentadora esportiva aparece em um dos telões. Esta entrada ao vivo teve a duração de 1 minuto e 26 segundos.

Novamente a âncora do jornal fala sobre as chuvas e tempestades que alagaram diversas cidades do interior e chama o intervalo comercial. Na volta, o

mesmo assunto é abordado e uma reportagem de 1 minuto e 44 segundos inicia. Após, a previsão do tempo começa e tem a duração de 2 minutos e 28 segundos.

A âncora chama mais um intervalo comercial, sendo que na volta Léo Pain se apresenta antes da então semifinal do *The Voice* Brasil. A apresentadora se despede do público e declara o fim do programa com a música de Léo ao fundo.

5.1.2 Edição de 25 de setembro de 2018

O programa exibido no dia 25/09/2018 (terça-feira), teve a duração de 27 minutos e 45 segundos. A apresentadora abre o jornal dando as principais manchetes do dia. Ela fala sobre as tentativas de salvamento de um bebê prematuro que foi dado como morto e depois foi encontrado com vida. Uma nota coberta é realizada e imagens dos pais da criança são exibidas enquanto a âncora dá mais algumas informações. Em uma nota coberta seguinte, fala sobre as eleições que se aproximam. Após, mais uma chamada é feita, dessa vez o assunto é o embelezamento de mulheres com câncer feita de forma voluntária em um hospital. Uma das pacientes é entrevistada e diz que é muito importante esta atitude, assim a tela fica com um fundo preto e a frase dita pela paciente é exibida em caixa alta “a autoestima vai lá em cima”.

Figura 5 – Uso de caracteres durante nota coberta



Fonte: Imagem capturada pela autora (MASSONI, 2019) do Jornal do Almoço (RBS TV) do dia 25/09/2018.

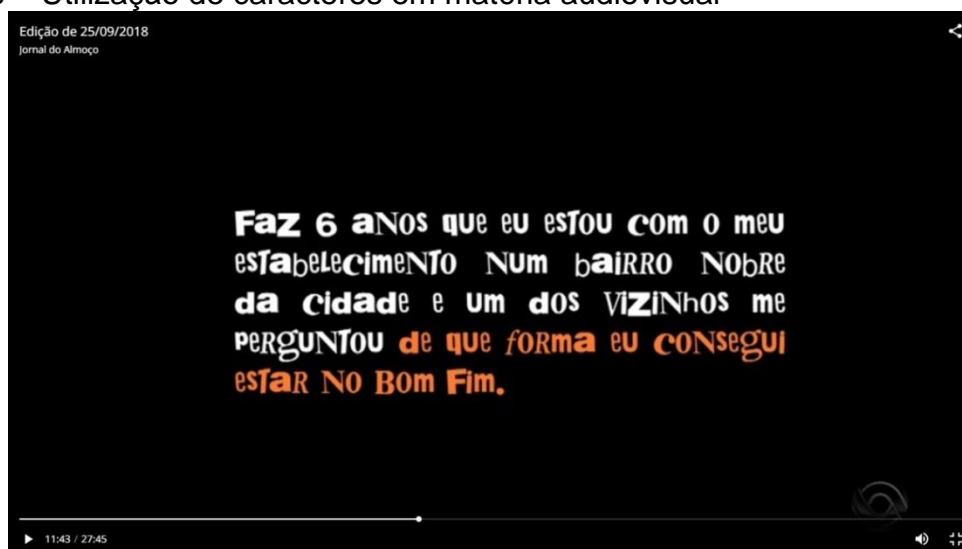
Após, a vinheta do jornal roda e a imagem volta em plano americano para a apresentadora. O assunto é a semifinal do *The Voice* Brasil e o gaúcho Léo Pain que disputa a chance de se tornar o vencedor do programa. Ao final da cabeça, a matéria de 2 minutos e 29 segundos sobre o cantor, que foi produzida em Passo Fundo, começa a rodar.

A câmera volta para o estúdio e a âncora informa que no dia 25/09 é o Dia Nacional do Trânsito e faz mais uma nota coberta sobre educação e segurança no trânsito. Posteriormente, a âncora chama o quadro JA Ideias, a vinheta roda, e a imagem mostra ela sentada para uma entrevista de 4 minutos e 58 segundos com o presidente da associação dos mutuários. O primeiro intervalo comercial é chamado.

O jornal volta a ser transmitido e a apresentadora fala sobre futebol. A apresentadora esportiva aparece em um telão para falar sobre a Copa do Brasil. A entrada ao vivo teve a duração de 1 minuto e 12 segundos.

Na sequência a cabeça da matéria de 3 minutos e 4 segundos é exibida. O assunto são profissionais que possuem vontade de abrir o próprio negócio. O material inicia com uma tela preta e as falas das fontes são mostradas a partir de caracteres e isso ocorre nos primeiros 48 segundos de exibição. Algumas frases possuem coloração diferente de outras, mas sempre mantendo o uso da cor branca e laranja. Após, os entrevistados aparecem na tela e a reportagem segue desta forma até o final.

Figura 6 – Utilização de caracteres em matéria audiovisual



Fonte: Imagem capturada pela autora (MASSONI, 2019) do Jornal do Almoço (RBS TV) do dia 24/09/2018.

Mais um intervalo comercial é chamado e na volta do *break*, um repórter faz uma entrada ao vivo. Em seguida mais uma matéria é chamada, desta vez o assunto é o título de eleitor. O material teve duração de 2 minutos e 22 segundos. O assunto tem continuidade com a entrada ao vivo da correspondente que fala de Brasília, sobre denúncias de vendas de votos, campanhas falsas na internet.

O terceiro intervalo é feito e o assunto é a morte de um homem que estava de carona em um veículo em Porto Alegre. Em seguida, a previsão do tempo é exibida. O formato é o mesmo do programa descrito anteriormente. Após, a ação de voluntárias que maquiaram e embelezaram mulheres com câncer em um hospital de Passo Fundo é evidenciada durante uma matéria de 2 minutos e 15 segundos. Com essa reportagem é citada a importância dessas atitudes e encoraja os telespectadores a se desafiarem e proporcionarem momentos parecidos a mais pessoas. Assim a edição do jornal é encerrada.

5.1.3 Edição de 26 de setembro de 2018

No dia Nacional do Surdo o Jornal do Almoço inicia em um plano geral com a apresentadora falando sobre os descasos com uma das rodovias mais importantes da região metropolitana. Uma nota coberta mostra carros transitando em uma via

escura, com pouca sinalização e totalmente esburacada. Nas manchetes, mais uma nota coberta sobre trânsito. Dessa vez as imagens mostram uma camionete com a traseira erguida em cima de uma barricada de ponte. As chuvas e alagamentos seguem sendo manchete do jornal, já que impossibilitaram que alunos chegassem até a escola. Além disso, Léo Pain também é destaque.

A vinheta roda e a âncora volta sentada na bancada em plano americano falando sobre os surdos e as dificuldades que enfrentam ao interagir com ouvintes que não sabem a Língua de Sinais. A apresentadora dá alguns exemplos enquanto chama a cabeça da matéria com o texto: “Não ser entendido numa consulta médica, não conseguir se comunicar com um vendedor e a dificuldade para pedir informação na parada de ônibus são alguns desafios que dois milhões e meio de brasileiros enfrentam porque são surdos. Hoje é Dia Nacional do Surdo e a repórter Yessica Lopes foi às ruas das nossas principais cidades para mostrar que é possível sim construir uma cidade, uma sociedade com mais acessibilidade e com mais inclusão”.

A matéria inicia com a repórter em uma sala com telas de computadores, na qual ao fundo aparece uma intérprete de Libras traduzindo o que está sendo dito. A jornalista é filmada em um plano americano e fala ao telespectador que está acostumando a assistir e ouvir o jornal que “quando o volume da TV está baixo, é só aumentar né? Mas pra muita gente é preciso algo mais, sem alguém traduzindo em Libras fica quase impossível de entender e é por isso que nessa reportagem a Cristiane vai ter um papel fundamental, ela vai ficar aqui no cantinho da tela pra todo mundo ter acesso igual ao que a gente vai mostrar”.

Figura 7 – Repórter inicia matéria com intérprete de Libras ao fundo



Fonte: Imagem capturada pela autora (MASSONI, 2019) do Jornal do Almoço (RBS TV) do dia 26/09/2018

A reportagem segue e mostra um grupo de pessoas falando em Libras. O plano é aberto e de conjunto. No canto inferior direito a intérprete de Libras, traduz tudo o que está sendo dito. Ela está de roupa preta e o fundo é azul. Enquanto isso, a repórter explica que a Língua de Sinais foi oficializada no Brasil em 2002, porém diz que os surdos ainda têm muita dificuldade de serem entendidos pela sociedade.

Figura 8 – Intérprete de Libras localiza-se no canto inferior direito



Fonte: Imagem capturada pela autora (MASSONI, 2019) do Jornal do Almoço (RBS TV) do dia 26/09/2018.

A reportagem levou o grupo mostrado na figura 6 para dar uma volta pelo centro de Rio Grande e identificar quais são os principais desafios que encontram no dia a dia. A intérprete de Libras que aparece no canto inferior direito da tela participou da gravação da matéria e conversou com os surdos. Conforme informações dadas durante o vídeo, a maior parte dos comerciantes não sabe se comunicar. Além disso, um dos surdos, o estudante Nilson Moreno, é entrevistado e diz que ir ao médico também é um problema. Neste momento a intérprete de Libras faz a tradução enquanto um surdo fala em Libras. Então o quadro na parte inferior direita da tela desaparece. O surdo diz que durante consultas ele tenta escrever qual é a sua dor ou sintoma e aí conta que o médico vai ficando impaciente e escreve alguma palavra que ele não entende e a situação de diálogo piora.

Figura 9 – A intérprete faz a tradução do que o surdo está falando



Fonte: Imagem capturada pela autora (MASSONI, 2019) do Jornal do Almoço (RBS TV) do dia 26/09/2018.

Na parada de ônibus a situação também não é boa, conta o entrevistado, já que é complicado questionar qual ônibus ele precisa pegar para chegar a tal destino. Para conseguir ajuda ele mostra o destino via celular. Nestas imagens, o quadro na parte inferior da tela com a intérprete volta, enquanto uma ouvinte é entrevistada.

O outro estudante que também é surdo fala que precisou fazer um boletim de ocorrência e levou uma amiga junto para traduzir a conversa. Neste momento, a intérprete volta a conversar e traduzir diretamente o que está sendo dito e o quadro

no canto inferior direito desaparece novamente. Nas duas situações em que isto ocorreu o plano escolhido foi o americano.

Já a estudante surda, fala sobre as dificuldades na sala de aula. Para ela era difícil compreender o que estava sendo ensinado e se entendia, logo esquecia o que havia sido passado. O plano continua sendo o americano e o quadro na tela em que a intérprete aparece também não é exibido, uma vez que ela é quem traduz pessoalmente a conversa.

A repórter conta que a estudante frequenta um colégio bilíngue, no qual estudantes e professores se comunicam em Libras. As imagens mostram a fachada da escola em primeiro plano ou close e após, crianças aparecem na sala de aula em plano americano. O quadrado com a intérprete volta a aparecer no canto da tela. Neste momento, a repórter fala que as crianças gravaram vídeos e publicaram nas redes sociais para sensibilizar os ouvintes sobre como a língua ajuda na convivência e no respeito ao diferente. A imagem mostra vídeos de crianças surdas falando em Libras na vertical e uma legenda traduz o que é dito por elas.

Figura 10 – Vídeo na vertical mostra crianças surdas falando sobre Libras



Fonte: Imagem capturada pela autora (MASSONI, 2019) do Jornal do Almoço (RBS TV) do dia 26/09/2018.

Para finalizar a reportagem, nas imagens seguintes, em plano americano, a intérprete de Libras é entrevistada e fala que o que ela mais deseja é que a sociedade ouvinte veja o surdo como alguém com um tipo de comunicação diferente e não como uma pessoa que tem uma deficiência, já que diz que para ela a surdez carrega uma diferença linguística, que é a Língua de Sinais. “Então porque não entender o espaço um pouco mais acessível para eles aprendendo Libras também”, fala.

Na última imagem do audiovisual um surdo falando em Libras é exibido em primeiro plano com a câmera baixa em contra-plongée. A duração da matéria foi de três minutos e dois segundos.

Figura 11 – A reportagem é finalizada com uma imagem em contra-plongée



Fonte: Imagem capturada pela autora (MASSONI, 2019) do Jornal do Almoço (RBS TV) do dia 26/09/2018.

Assim que a reportagem é finalizada, a imagem volta para o estúdio do Jornal do Almoço. A imagem da intérprete traduzindo para Libras o que está sendo dito, desaparece. A âncora conta que já que o assunto é inclusão, o tema do reality gaúcho “Desafio Farroupilha – Olhos do Coração” é exatamente este. Segundo ela, o programa irá estreiar no jornal no mês seguinte que contará a história de uma gaiteira cega. Assim, é exibido um vídeo que já havia sido enviado para o jornal que mostra uma menina cadeirante dançando em uma invernada gaúcha.

Após, o assunto continua sendo inclusão. A apresentadora aparece na imagem em meio primeiro plano. Na bancada ela fala sobre o baile da inclusão, do dia 03 de outubro, que reuniu os artistas que já haviam participado da edição passada do Desafio Farroupilha.

Em seguida, chama as notícias regionais, após a vinheta do JA Ideias ela volta dando os parabéns ao aniversário de Luis Fernando Veríssimo. A imagem muda para um audiovisual. A reportagem que é uma homenagem ao autor teve a duração de três minutos e cinquenta e quatro segundos.

Ao fim da matéria, a apresentadora chama a entrada ao vivo sobre esporte. Esta inserção durou quarenta e dois segundos. Após, ocorre o primeiro intervalo.

Na volta do intervalo, o quadro “Se eu fosse governador” é exibido durante um minuto e 1 segundo. A imagem volta para o estúdio. A âncora fala sobre o *Grammy* Latino 2018, no qual cinco gaúchos concorrem.

Ao término do intervalo, o terceiro bloco do telejornal começa com as condições da BR 386 em Triunfo. Dessa maneira, ela chama a matéria que conta como dez motoristas caíram e foram vítimas dos buracos da rodovia mal sinalizada. A reportagem teve a duração de dois minutos e quatorze segundos.

Ao fim da reportagem, a apresentadora aparece novamente e dá mais informações sobre o posicionamento das autoridades sobre o estado da rodovia. Em seguida, o assunto foi as eleições e a votação biométrica. Sobre isso, exibe-se uma entrada ao vivo de Brasília para dar mais informações que durou um minuto e trinta segundos.

Antes do próximo intervalo, a apresentadora fala sobre a chegada na final do cantor Léo Pain no *The Voice* Brasil. Na volta do intervalo, um vídeo divulgado pela Polícia Civil mostra o ataque a um cobrador de ônibus. Mudando o assunto, cita-se os temporais que atingiram 24 municípios gaúchos, sendo que 122 casas tiveram algum tipo de estrago, segundo a Defesa Civil. Uma matéria de um minuto e 37

segundos é exibida e fala sobre as chuvas que impediram crianças de frequentar as escolas. Em seguida, já de volta ao estúdio, a previsão do tempo é exibida.

Após, a festa de quem torce pelo cantor Léo Pain é mostrada. O audiovisual de dois minutos e 59 segundos evidenciou a alegria de amigos do cantor que moram em Santa Maria e encerrou a edição do telejornal que teve a duração total de trinta minutos e cinquenta e oito segundos.

5.1.4 Edição de 27 de setembro de 2018

O programa da quinta-feira, dia 27/09, inicia com a apresentadora falando sobre um ataque inesperado a uma mulher em Santa Maria. Uma nota coberta ilustra a manchete. Após, um repórter dá mais informações sobre o agressor. Uma entrevista com o delegado de polícia também foi realizada. O tempo de reportagem foi de um minuto e vinte e cinco segundos.

Após, a apresentadora lê o direito de resposta ao candidato Eduardo Leite sobre uma entrevista concedida ao Jornal do Almoço no dia 14 de setembro por outro candidato. Com três minutos e 27 segundos a apresentadora chama as notícias regionais. Após, a vinheta do JA Ideias a âncora fala sobre uma cratera na BR-116, rodovia próxima a São Leopoldo, que teria surgido na madrugada anterior. Uma repórter entra ao vivo para dar mais informações. Os planos utilizados foram americano e na entrada ao vivo que durou um minuto e dezenove segundos é de primeiro plano.

Em seguida, a previsão do tempo é exibida. Posteriormente, o cantor Léo Pain é evidenciado novamente, amigos e grupos musicais pediram votos a favor do finalista do *The Voice Brasil*. Com a doação de órgãos em pauta o Jornal do Almoço vai para o primeiro intervalo.

Logo após o intervalo, a apresentadora fala sobre a reintegração de posse que a brigada militar cumpriu no centro de Porto Alegre.

No dia Nacional de Conscientização para a doação de órgãos, a apresentadora diz que não há motivos para se comemorar, já que o número de doadores diminuiu e a fila de espera para transplantes está consequentemente crescendo. Assim, ela dá a cabeça e chama a matéria que falou sobre famílias que doaram os órgãos de entes e pessoas que foram transplantadas durante três minutos e vinte e quatro segundos.

Depois, a âncora fala sobre a morte de um compositor. Uma homenagem rápida é feita com a música sendo tocada ao fundo. Após é chamado o intervalo.

Na volta do intervalo, o assunto é a urna eletrônica e Cristina chama uma matéria sobre segurança na hora de votar. A matéria teve duração de três minutos e três segundos. As eleições continuaram em pauta com a entrada ao vivo da repórter em Brasília. A entrada ao vivo durou um minuto e trinta segundos.

Após, a apresentadora fala sobre um crime. A matéria durou dois minutos e quarenta e um segundos. Cristina chama mais um intervalo.

Depois do intervalo, um repórter entrevista o cantor Léo Pain. O finalista contou sobre suas expectativas para a final do *The Voice Brasil*. O telejornal foi encerrado com a duração total de vinte e sete minutos.

5.1.5 Edição de 28 de setembro de 2018

O programa iniciou com a comemoração dos 30 anos de história da RBS TV Região dos Vales e também com a festa em honra aos 140 anos da cidade de Santa Cruz do Sul onde a afiliada está instalada. A entrada ao vivo de Santa Cruz do Sul com a repórter mostrou a comemoração e a participação da comunidade na festa.

A imagem volta para a âncora e ela chama a próxima manchete, que trata-se da vitória do cantor Léo Pain da sétima temporada do *The Voice Brasil*. Após, o programa volta para o estúdio e em seguida uma cobertura da torcida para o cantor gaúcho é exibido. O destaque ao ganhador *reality show* musical foi de quatro minutos e quatro segundos.

Imediatamente, fala-se sobre o desligamento do sinal analógica em onze cidades gaúchas. Após, a âncora chama as notícias regionais. A vinheta do JA Ideias toca e um problema técnico ocorre. Não há som e a imagem mostrada é de um lance de jogo de futebol do Grêmio, rapidamente é retirada do ar e um homem vestido de rei aparece, o som ainda é inaudível. Mais um lance de jogo aparece e uma mulher, moradora de Bagé é exibida falando quais seriam suas decisões políticas para melhorar a vida da população, caso fosse uma governadora. Após, um morador de Santa Cruz do Sul também aparece, uma risada ao fundo pode ser ouvida. Ao fim do quadro “Se eu fosse governador”, A apresentadora diz que o assunto é futebol, que dura cinquenta e três segundos. As imagens que haviam passado antes do quadro “Se eu fosse governador” foram transmitidas durante a entrada da apresentadora esportiva.

Em seguida, a âncora fala sobre uma unidade de saúde, na cidade de Cachoeirinha. Após, o assunto são imagens que a polícia civil está analisando para tentar descobrir quem é o responsável pelo assassinato de um homem que ocorreu no início da noite anterior ao jornal. Ao fim da reportagem, a apresentadora conta que mais de cinquenta venezuelanos chegaram ao estado. O primeiro intervalo comercial é feito. De volta, o programa exibiu uma matéria sobre a chegada dos venezuelanos. Posteriormente, música ao vivo e mais um intervalo é feito.

Na volta do intervalo, a entrada ao vivo da correspondente de Brasília é sobre a nova ponte do Guaíba. Em seguida, a âncora lê a cabeça da próxima matéria sobre a inauguração de um centro internacional para tratar a arritmia cardíaca.

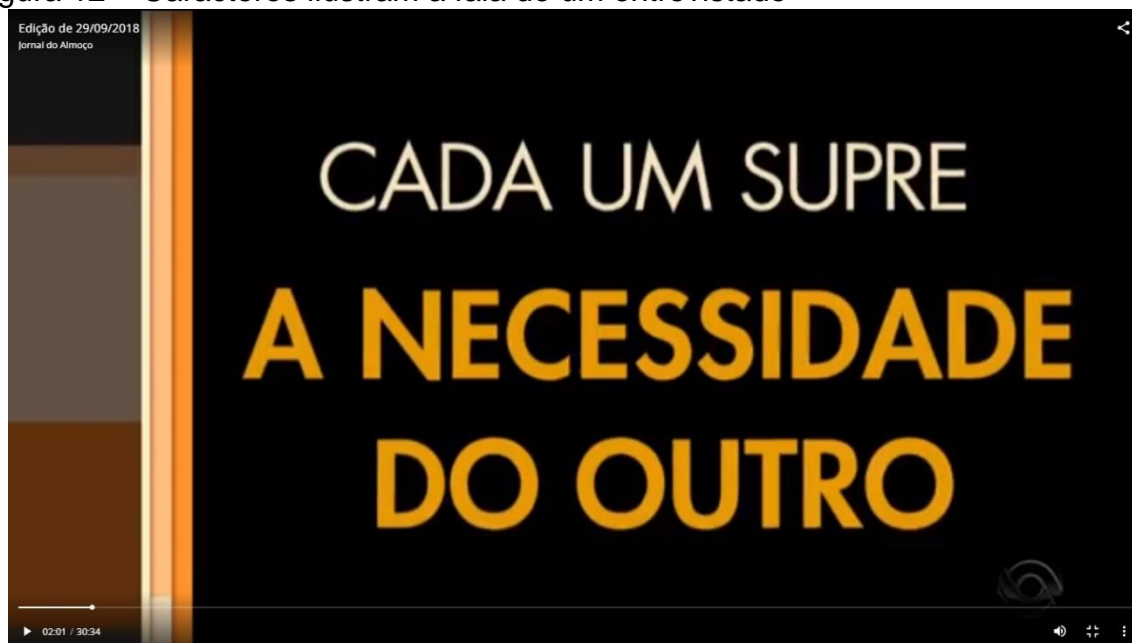
Ao fim do intervalo, a apresentadora fala sobre um assalto a banco ocorrido no norte do estado durante uma nota coberta. Após, a previsão do tempo é exibida. Imediatamente o assunto muda para o primeiro gaúcho vencedor do *reality show* musical *The Voice Brasil*.

Durante todo o programa, que teve a duração de vinte e nove minutos e quarenta segundos, apresentou em alguns momentos a imagem não ficava nítida. Além disso, quando a imagem ficava borrada o som não era de qualidade.

5.1.6 Edição de 29 de setembro de 2018

O assunto inicial foi a suspensão do uso de canudinhos plásticos em duas cidades do estado e o jornal fez um alerta por meio de uma matéria sobre o tempo de decomposição de um canudo. Uma repórter dá as informações em conjunto com notas cobertas da apresentadora. As imagens mostram animais marítimos sofrendo por engolirem ou terem o canudinho preso em alguma parte do corpo. Após, notas cobertas mostram um ator gaúcho que faleceu no dia anterior aos 42 anos. Depois, a apresentadora fala sobre como investir no comércio local fortalece a economia de um bairro ou cidade. Notas cobertas também ilustram o que está sendo dito. Nesta manchete, novamente são utilizados caracteres para dar ênfase ao que o entrevistado está dizendo.

Figura 12 – Caracteres ilustram a fala de um entrevistado



Fonte: Imagem capturada pela autora (MASSONI, 2019) do Jornal do Almoço (RBS TV) do dia 29/09/2018.

A vinheta roda e o assunto é churrasco. Costumes indígenas para conservar o gosto da carne e chama uma matéria descontraída para contar mais curiosidades sobre a comida típica gaúchesca. Após, ela fala rapidamente sobre a gravação do programa Galpão Crioulo em Campina das Missões. Em seguida o futebol entra em pauta com entrada ao vivo. O primeiro intervalo ocorre.

Na volta dos comerciais, a morte do ator gaúcho é a matéria. Ao fim, a apresentadora chama a atenção para vandalismos em obras de arte expostas na rua. Uma reportagem foi exibida. Mais um intervalo comercial foi feito.

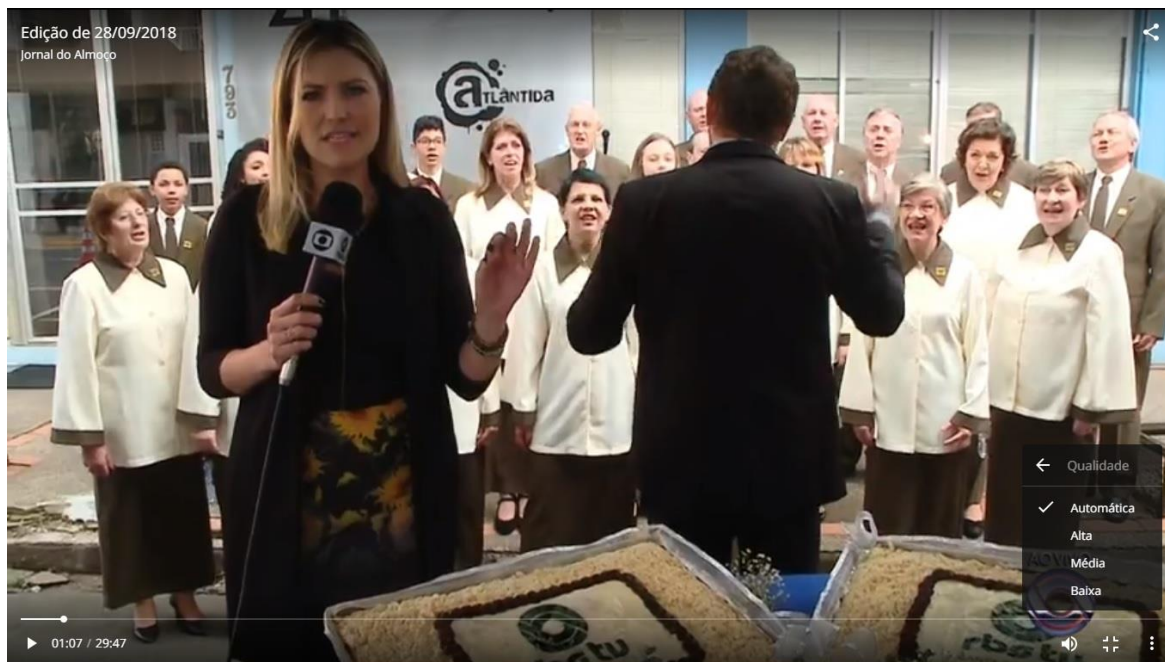
Na sequência, uma matéria sobre pequenos negócios é exibida no quadro “1 ano mais alegre”. A reportagem mostra a importância destes empreendimentos. Após, mais um intervalo comercial ocorre.

Um caso de violência contra um policial militar em Cachoeirinha é exibido em nota coberta. Também em nota coberta, um acidente com veículos.

A reportagem sobre o uso de canudos plásticos suspenso em duas cidades gaúchas é mostrada. O jornal foi encerrado com um convite para que a comunidade participasse do espetáculo do grupo Tholl no Teatro São Pedro no final de semana. Uma repórter fez uma entrada ao vivo falando sobre as novidades do grupo. A duração total do programa foi de trinta minutos e trinta e quatro segundos.

Em nenhum dos programas do Jornal do Almoço descritos até aqui, a opção para legenda oculta estava disponível. A única possibilidade de configurações é a de alteração de qualidade de imagem.

Figura 13 – No canto inferior direito da tela é possível configurar a qualidade do vídeo



Fonte: Imagem capturada pela autora (MASSONI, 2019) do Jornal do Almoço (RBS TV) do dia 28/09/2018

No próximo subcapítulo iremos descrever o material da TV Cultura.

5.2 Jornal da Cultura - TV Cultura

O Jornal da Cultura da TV Cultura, é transmitido de segunda a sexta -feira a partir das 13h da tarde. O programa informa os telespectadores sobre os principais fatos ocorridos no Brasil e no mundo, com comentários de especialistas e reportagens especiais.

Para este trecho da análise, o material¹⁶ escolhido foi transmitido do dia 23 de setembro a 28 de setembro do ano de 2019.

¹⁶ O material descrito está disponível no site TV Cultura: https://tvcultura.com.br/playlists/62_jc1-jc1.html.

5.2.1 Edição de 23 de setembro de 2019

O programa Jornal da Cultura (JC1) inicia com os apresentadores sentados em um sofá. O plano em que são filmados é o plano médio que vai se aproximando dos apresentadores. Logo, aparece uma janela de Libras no canto inferior direito. A manchete inicial é a ida de Jair Bolsonaro à Assembleia Geral das Nações Unidas. Também é manchete o término da Cúpula do Clima, evento prévio à Assembleia Geral das Nações Unidas. Notícias policiais também fazem parte dos assuntos manchetados do dia.

No assunto especial, a apresentadora comenta sobre a semana de acessibilidade surda e a Língua Brasileira de Sinais. Já o apresentador menciona as notícias internacionais que farão parte do programa.

A vinheta do jornal é passada e o âncora chama uma matéria que fala sobre meditação e atenção plena em escolas, como um método para acalmar os estudantes. A reportagem teve a duração de dois minutos e seis segundos.

Após, os apresentadores chamam o público para uma interação virtual através das redes sociais do telejornal. Em seguida, uma matéria sobre a nova estação, a primavera, inicia. Posteriormente, notícias policiais são transmitidas com uma trilha de fundo.

Logo após, notícias sobre política são transmitidas. As *fake news* entraram em pauta no programa, quando o apresentador chama uma matéria que fala sobre eleições.

Na semana da acessibilidade surda, que foi até o dia 30 de setembro, o Jornal da Cultura apresentou uma reportagem sobre a escritora Lak Lobato, que aos nove anos de idade ficou completamente surda. Hoje ela é palestrante e fala com dificuldade, mas consegue se comunicar pela Língua Portuguesa, assim como pela Língua Brasileira de Sinais. Ela escreveu dois livros com o fim de fazer com que as crianças surdas se identificassem com as personagens das histórias. A reportagem também fala sobre a inserção do surdo no mercado de trabalho. Um *youtuber* falou

em Libras enquanto a repórter traduzia para o português sonoro o que estava sendo dito.

Figura 14 – *Youtuber* fala em Libras durante reportagem



Fonte: Imagem capturada pela autora (MASSONI, 2019) do Jornal da Cultura (TV Cultura) do dia 23/09/2019.

A repórter fala sobre a TV Cultura e conta que nove programas e cinco desenhos infantis possuem interpretação em Libras. A imagem mostra os programas e desenhos:

Figura 15 – Nove programas e cinco desenhos infantis possuem interpretação em Libras na TV Cultura



Fonte: Imagem capturada pela autora (MASSONI, 2019) do Jornal da Cultura (TV Cultura) do dia 23/09/2019.

Na reportagem também é mostrada como a janela de Libras é gravada para o Jornal da Cultura:

Figura 16 – Matéria mostra como é a gravação da interpretação em Libras



Fonte: Imagem capturada pela autora (MASSONI, 2019) do Jornal da Cultura (TV Cultura) do dia 23/09/2019.

Ainda, a repórter fala sobre a consultora e revisora de Libras da TV Cultura, que é surda de nascença e reafirma a importância da inclusão das crianças surdas. Durante a entrevista, um intérprete também da emissora dublou o que foi dito.

Figura 17 – Dublagem foi feita por outro intérprete



Fonte: Imagem capturada pela autora (MASSONI, 2019) do Jornal da Cultura (TV Cultura) do dia 23/09/2019.

A tradutora e intérprete de Libras, também foi entrevistada e fala sobre a importância da tradução. Para ela, é uma oportunidade que é dada para o surdo de acompanhar o noticiário e também de acompanhar programas de entretenimento, através do trabalho pioneiro, “é fundamental você dar acessibilidade, dar acesso as pessoas que não tem acesso”. A reportagem teve a duração de três minutos e onze segundos.

De volta ao estúdio, a apresentadora, entrevista o pioneiro em interpretação de Libras e pedagogo. A conversa sobre Libras, acessibilidade e surdos teve a duração de seis minutos e doze segundos. O assunto continua quando é chamada uma matéria sobre artes. O audiovisual mostra um *Slam* do corpo, que é uma batalha de poesia em que duplas formadas por um surdo e um ouvinte que apresentam mensagens para o público ao mesmo tempo em português e em Libras.

Após, o Dia Mundial do Sorvete também entra em pauta. Um repórter entra ao vivo para falar sobre o produto. Em seguida, o primeiro intervalo é feito.

Na volta do intervalo notícias internacionais são transmitidas. A janela de Libras muda de intérprete. Posteriormente, notícias nacionais e esportivas encerram o jornal que teve duração total de quarenta minutos e dezessete segundos.

5.2.2 Edição 24 de setembro de 2019

O programa inicia com os âncoras novamente sentados em um sofá. O plano em que são filmados é o plano médio. Assim que os apresentadores cumprimentam os telespectadores, aparece no canto inferior direito uma janela de Libras, em que uma intérprete traduz tudo o que está sendo dito.

Figura 18 – No canto inferior direito da tela esta a janela de Libras



Fonte: Imagem capturada pela autora (MASSONI, 2019) do Jornal da Cultura (TV Cultura) do dia 24/09/2019.

Além disso, através do site e da *playlist* em que os jornais podem ser assistidos novamente é possível acionar uma legenda oculta. O que está sendo dito aparece sendo digitado na tela. Quando a fala muda para o outro âncora não há qualquer informação que indique esta mudança. Além disso, a digitação não é fidedigna, já que algumas palavras ditas pelos âncoras não são digitadas na legenda.

Figura 19 – Uma legenda oculta pode ser acionada

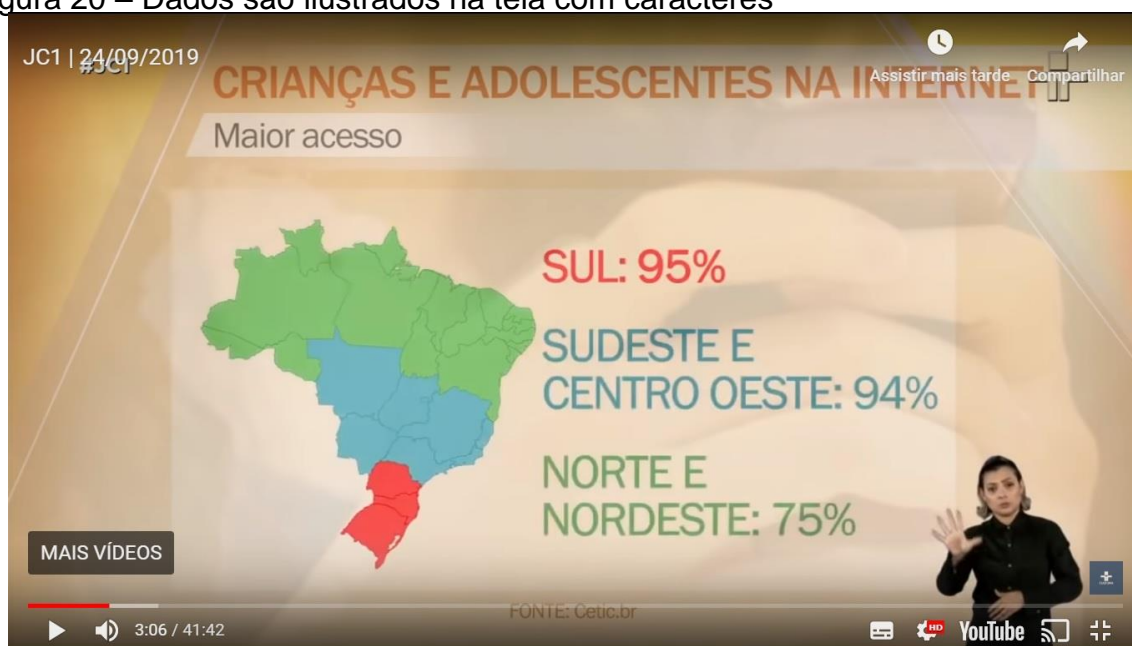


Fonte: Imagem capturada pela autora (MASSONI, 2019) do Jornal da Cultura (TV Cultura) do dia 24/09/2019.

O assunto inicial do telejornal são as declarações do presidente da República sobre os incêndios ocorridos na Amazônia. Após, o apresentador fala sobre vetos que devem ser votados no Congresso. Após, a apresentadora fala sobre o assunto especial do dia: o luto. Uma nota coberta ilustra o que ela está dizendo. Depois, notícias internacionais. Após, a vinheta do jornal é transmitida.

A primeira reportagem é sobre crianças e adolescentes que utilizam a internet diariamente. Os repórteres, para ilustrar os dados, utilizaram caracteres na tela. A intérprete continua sinalizando. A matéria tem a duração de dois minutos e oito segundos.

Figura 20 – Dados são ilustrados na tela com caracteres



Fonte: Imagem capturada pela autora (MASSONI, 2019) do Jornal da Cultura (TV Cultura) do dia 24/09/2019.

A imagem volta para o estúdio com os âncoras que pedem a interação do público sobre o assunto da reportagem. Neste momento eles divulgaram a *hashtag* que deve ser utilizada, assim como o *Instagram* do jornal.

Logo depois, o assunto são notícias policiais. Uma matéria inicia e o que chama atenção é a trilha de fundo. A matéria teve duração de um minuto. Sem que a imagem volte para o estúdio outra matéria inicia, o assunto também é policial. As manchetes policiais foram até os nove minutos e quarenta e sete segundos do tempo do programa.

Em seguida o assunto é política. O apresentador fala sobre o discurso do presidente da República durante encontro da Assembleia Geral da ONU. O discurso foi transmitido em reportagem durante três minutos e doze segundos. A imagem volta para o estúdio e o apresentador chama para uma conversa ao vivo com o ex-embaixador e ex-ministro, que comentou sobre as falas do presidente. A conversa teve a duração de três minutos e quarenta e cinco segundos.

Durante a fala é possível perceber que a legenda oculta não é fidedigna ao que está sendo dito, já que ao se despedir do entrevistado, o jornalista dá boa tarde ao entrevistado. Na legenda é escrito batalhão ao invés do cumprimento.

Figura 21 – A expressão “boa tarde” é substituída pela palavra “batalhão” na legenda oculta



Fonte: Imagem capturada pela autora (MASSONI, 2019) do Jornal da Cultura (TV Cultura) do dia 24/09/2019.

O próximo assunto é internacional. Após, a apresentadora chama para uma conversa ao vivo com Tai Nalon, diretora executiva e co-fundadora do *site* de checagem de informações. A entrevista teve a duração de dois minutos e nove segundos. Posteriormente, o assunto é o Congresso. Uma matéria sobre o assunto é transmitida.

Em seguida, o especial do dia entra em discussão. Para falar sobre o luto diversas pessoas foram entrevistadas durante a reportagem, que teve a duração de dois minutos e quarenta e dois segundos. Após, ocorreu no estúdio uma entrevista com uma psicóloga durante dez minutos e doze segundos.

O próximo assunto foi a Semana Nacional do Trânsito. Para tanto, o jornalista entrevistou jogadores de futebol amputados. Após, o primeiro intervalo acontece. Na sequência, as notícias internacionais entram em pauta. Com elas, o jornal é

encerrado. O programa teve a duração total de quarenta e um minutos e quarenta e dois segundos.

5.2.3 Edição de 25 de setembro de 2019

O mesmo enquadramento inicial que é percebido nos outros programas ocorre no dia 25. Além disso, a janela de Libras também está disponível, assim como a opção de ativar a legenda oculta.

Os assuntos que abrem o programa dizem respeito a tema de política e notícias internacionais. O assunto especial do dia é a segurança no trânsito. Notas cobertas ilustram as manchetes e enquadramentos gerais e mais abertos predominam nas imagens.

A vinheta toca e uma notícia policial é exibida. Após, uma reportagem sobre política é apresentada. Em seguida, notícias locais também são destacadas. Durante uma matéria sobre política, o jornal voltou a utilizar caracteres para ilustrar dados que estavam sendo ditos. O recurso também foi utilizado durante matéria sobre homicídios de indígenas.

Para a conversa no estúdio foi uma entrevistada uma psicóloga especialista em comportamento no trânsito. Além dela, mais um convidado esteve no estúdio.

Após, notícias internacionais são exibidas. Houve uma troca de intérpretes neste momento. O Jornal da Cultura é finalizado com uma mostra de fotografias. O jornal teve ao todo quarenta e um minutos e oito segundos.

5.2.4 Edição de 26 de setembro de 2019

As manchetes iniciais são sobre política, polícia, internacional e saúde. O assunto especial do dia é aposentadoria. Além destas, como é comemorado o Dia Nacional do Surdo, O JC1, a âncora diz que serão mostradas diversas ações

culturais voltadas à população com perda auditiva. Após, a vinheta toca. A janela de intérprete de Libras segue no canto inferior direito.

A primeira reportagem é sobre o câncer de mama. Após, os âncoras pedem a interação dos internautas e telespectadores através das redes sociais do jornal. As seguintes notícias são sobre casos policiais. Em seguida, manchas de óleo nas praias do nordeste são assunto de uma nota coberta.

Posteriormente, uma matéria sobre ocorrência policial contra um governador é exibida. Logo após, uma matéria sobre um discurso do presidente da República é transmitida. Como a fala do presidente é acompanhada de um intérprete de Libras, a tradutora do Jornal deixa de aparecer na tela. Assim, que a tradução termina, a janela de Libras do JC1 volta a aparecer.

Figura 22 – Janela de Libras do JC1 dá espaço ao intérprete de discurso do presidente



Fonte: Imagem capturada pela autora (MASSONI, 2019) do Jornal da Cultura (TV Cultura) do dia 26/09/2019.

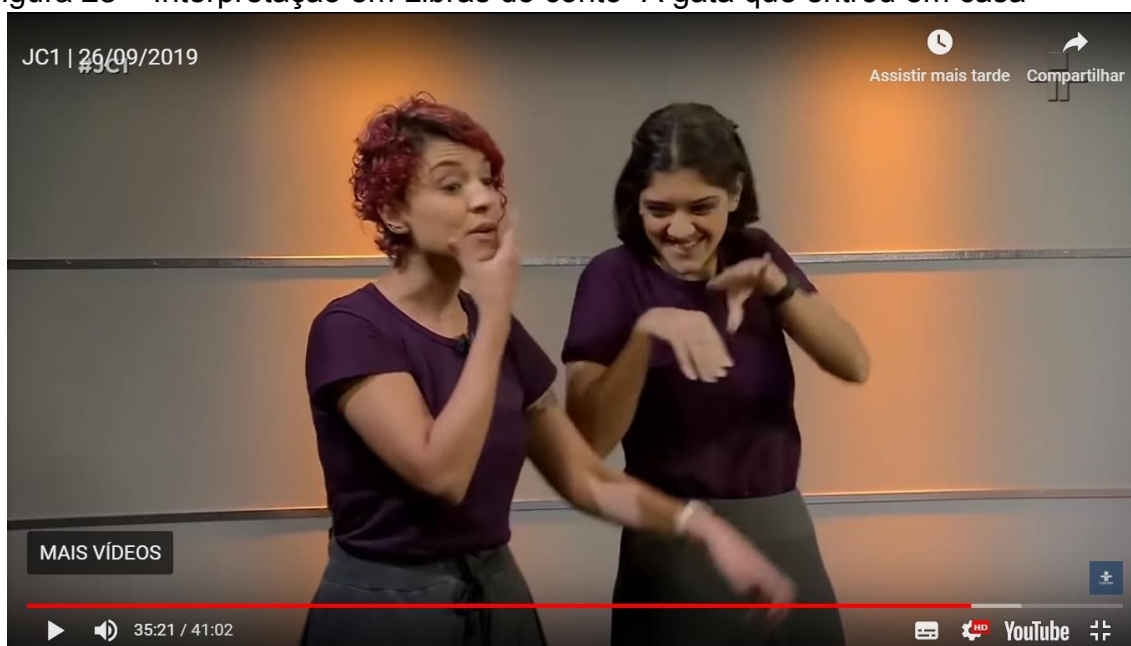
Após, mais uma reportagem sobre política é transmitida. Para iniciar o assunto do dia, uma matéria sobre aposentadoria é exibida, depois para complementar, uma advogada e professora de direito previdenciário é entrevistada. Ao fim da conversa, o primeiro intervalo é feito.

Notícias internacionais abrem o segundo bloco do programa. Posteriormente, o assunto é a série *Crisálida*, a primeira série de ficção dramática bilíngue, que conta com os principais autores surdos. Um trailer da série é exibido por 43 segundos.

Continuando com o assunto, a apresentadora explica que os surdos conseguiram mais acesso em serviços públicos como Samu, Corpo de Bombeiros e Polícia, por meio de um aplicativo que não gasta dados do pacote de internet via operadoras. Após, um repórter entra ao vivo ao lado de um intérprete de sinais para falar sobre a 2ª semana da acessibilidade surda.

Em seguida, no estúdio os âncoras recebem uma contação de histórias em Libras. Durante a interpretação do conto africano “A gata que entrou em casa”, as atrizes falavam em português e ao mesmo tempo em Libras.

Figura 23 – Interpretação em Libras do conto “A gata que entrou em casa”



Fonte: Imagem capturada pela autora (MASSONI, 2019) do Jornal da Cultura (TV Cultura) do dia 26/09/2019.

Ao fim da interpretação, um intervalo foi feito. Na volta do comercial, o apresentador, chama uma homenagem para um ator, dramaturgo, apresentador e diretor de teatro. O programa foi finalizado com quarenta e um minutos e dois segundos, com o assunto: gentileza, que foi abordado durante uma reportagem.

5.2.5 Edição dia 27 de setembro de 2019

Novamente as manchetes iniciais são sobre política, internacionais e saúde. O assunto do estúdio é fofoca, com a entrevista de um filósofo. Além dele, também é chamado para uma conversa no estúdio o escritor e ativista que fala sobre a cultura da periferia.

A primeira reportagem é sobre cuidados paliativos. Após, é exibido um giro de notícias variadas de todo o país. Em seguida, reportagem sobre lavagem de dinheiro é transmitida. Notícias políticas também são destacadas via matéria audiovisual.

Posteriormente, a apresentadora chama uma matéria sobre uma pesquisa Data Folha que apurou que a maioria dos Brasileiros defende a proteção das florestas aonde vivem índios isolados. A matéria também mostra o pronunciamento do presidente da república sobre o assunto durante a Assembleia Geral da ONU.

Ademais, também foi exibida uma reportagem sobre estudantes que estudam e moram em periferias. Após, o assunto foi transplante a queda nos números de doadores de órgãos. Em seguida, a conversa foi com o filósofo sobre fofoca.

O próximo assunto foi cultura e mostra de artes com a apresentação do de um repórter. O primeiro intervalo comercial é feito com trinta minutos de programa. Na volta do comercial, um giro de notícias internacionais é exibido. Ao fim, mais um intervalo ocorre com trinta e cinco minutos de jornal. No estúdio, o escritor fala sobre artes e cultura da periferia. Ao fim da conversa, mais notícias internacionais sobre artes são exibidas. Com este assunto o JC1 é finalizado com quarenta e um minutos e cinquenta e nove segundos.

6 ANÁLISE DOS CONTEÚDOS MIDIÁTICOS

As análises dos conteúdos midiáticos do Jornal do Almoço, da RBS TV de Porto Alegre e do Jornal da Cultura, da TV Cultura de São Paulo, deu-se por meio do acompanhamento do programa da RBS TV entre o período de 24 de setembro de 2018 a 29 de setembro do mesmo ano. Já o programa jornalístico da TV Cultura foi assistido entre os dias 23 de setembro a 27 de setembro de 2019. Os programas são exibidos em emissoras de vertentes diferentes, já que a primeira é uma televisão comercial e a segunda é um canal público e educativo. Sendo assim, cada uma possui objetivos diferentes com seus programas. No entanto, já que se tratam de programas jornalísticos é preciso que tenham um objetivo em comum: informar a todos, democratizando o acesso e integrando os indivíduos na sociedade.

Como visto, a televisão é um item presente em praticamente todas as casas brasileiras. Cerca de 95% dos domicílios do país se informam, segundo o Censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo uma estimativa de população feita pelo IBGE (2010), somos mais de 208 milhões de pessoas no Brasil e 9,7 milhões têm deficiência auditiva. Sendo, 344,2 mil são surdos totais.

Com estes dados, é indiscutível a importância que a televisão representa em nossa sociedade. Dessa forma, nesta análise escolhemos uma das principais emissoras comerciais e estaduais, a RBS TV, devido sua abrangência relatada na contextualização.

O programa exibido no dia 24/09/2018 (segunda-feira), do Jornal do Almoço, teve a duração de 28 minutos. Os assuntos e reportagens variadas foram exibidos majoritariamente em planos gerais ou americanos. Já quando alguém é entrevistado, o enquadramento escolhido é o primeiro plano. É possível perceber também que mesmo com entrevistas com estrangeiros, ocorrido no programa do dia 24/09 a dublagem é feita somente em áudio, sendo que nenhuma legenda foi disponibilizada.

O som é explorado e valorizado em algumas matérias do Jornal do Almoço, visto que em uma reportagem sobre um show, a repórter dá espaço para que o telespectador sinta a vibração do público durante o evento e também ouça as músicas lá apresentadas. Porém, torna-se imperceptível para a comunidade surda.

O programa exibido no dia 25/09/2018 (terça-feira), teve a duração de 27 minutos e 45 segundos e teve o mesmo formato do jornal apresentado no dia anterior. Na terça-feira, porém, pode-se observar que legendas só são utilizadas quando há a necessidade ou interesse de enfatizar o que um entrevistado está dizendo, por exemplo. Nestes casos, a tela é tomada por uma frase, chamando a atenção para o que está sendo dito.

No dia 26/09/2018 (quarta-feira) comemora-se o Dia Nacional do Surdo e para abrir as reportagens do jornal, o assunto foram as dificuldades que surdos enfrentam ao interagir com ouvintes que não sabem a Língua de Sinais.

Nesta matéria a preocupação principal foi a de torná-la acessível aos surdos, conforme é dito pela repórter nos minutos iniciais: “Não ser entendido numa consulta médica, não conseguir se comunicar com um vendedor e a dificuldade para pedir informação na parada de ônibus são alguns desafios que dois milhões e meio de brasileiros enfrentam porque são surdos. Hoje é Dia Nacional do Surdo e a repórter Yessica Lopes foi às ruas das nossas principais cidades para mostrar que é possível sim construir uma cidade, uma sociedade com mais acessibilidade e com mais inclusão”.

Além disso, a reportagem também trouxe à tela uma janela de Libras, para que tudo o que estivesse sendo dito fosse traduzido. O plano de filmagem adotado é o americano. A repórter ainda fala ao telespectador que está acostumando a assistir e ouvir o jornal que “quando o volume da TV está baixo, é só aumentar né? Mas pra muita gente é preciso algo mais, sem alguém traduzindo em Libras fica quase impossível de entender e é por isso que nessa reportagem a Cristiane vai ter um papel fundamental, ela vai ficar aqui no cantinho da tela pra todo mundo ter acesso igual ao que a gente vai mostrar”.

Durante a matéria que entrevistou surdos para falar como é o dia a dia a janela de Libras esteve presente. Quando algum surdo falava diretamente em entrevista, a intérprete traduzia em plano americano e a janela de Libras desaparecia. No entanto, também não foi possível acionar a legenda oculta ou *closed caption*. O único aspecto que pode ser mudado é a qualidade da imagem.

A exceção para a legenda foi quando a reportagem mostrou um colégio bilíngue, no qual estudantes e professores se comunicam em Libras. Neste momento, a repórter fala que as crianças gravaram vídeos e publicaram nas redes sociais para sensibilizar os ouvintes sobre como a língua ajuda na convivência e no respeito ao diferente. A imagem mostra vídeos de crianças surdas falando em Libras na vertical e uma legenda traduz o que é dito por elas.

O enquadramento que se destaca de todos os outros utilizados no jornal e na reportagem em questão, foi o da imagem que finaliza a matéria. Um surdo é filmado em primeiríssimo plano com a câmera baixa em contra-plongée. A duração da reportagem foi de três minutos e dois segundos.

Assim que a reportagem é finalizada, a imagem volta para o estúdio do Jornal do Almoço. O programa do dia 26/09 teve a duração total de trinta minutos e cinquenta e oito segundos. A imagem da intérprete traduzindo para Libras o que está sendo dito, desaparece e não volta aparecer em nenhum dos outros programas descritos e analisados.

Nos demais dias analisados, 27/09, 28/09 e 29/09, o programa teve a duração de 27 minutos, 28 minutos e 30 minutos e 34 segundos respectivamente. Nenhuma inserção em Libras ou recurso de acessibilidade foram utilizados nestes dias.

Os programas do JA foram assistidos pelo site da Globo *Play*¹⁷, ou seja via internet. Nesta plataforma, pelo menos durante os seis dias analisados, não foi possível acionar o *closed caption*. O Jornal do Almoço é um dos telejornais mais importantes da RBS TV, dessa forma entende-se que seja o programa que mais informa os gaúchos sobre notícias locais. Dos seis dias analisados, somente em um deles foi transmitido conteúdo acessível para o público surdo por três minutos e dois segundos, isto em decorrência do Dia Nacional do Surdo. É evidente que os surdos não são contemplados com informações diárias e que não conseguem se informar pelo Jornal do Almoço, visto que só foram lembrados no dia em que a surdez é comemorada nacionalmente.

Como os programas foram assistidos pela internet, não é possível saber se há a possibilidade de acionar o *closed caption* durante a transmissão ao vivo via televisão. No entanto, mesmo que exista esta possibilidade a legenda oculta nem sempre é fidedigna ao que está sendo dito. Por ser uma legenda automática, o *closed caption* passa rapidamente, no canto inferior da tela da televisão. As falas dos locutores são descritas em frases de forma contínua, mesmo que não seja mais o mesmo orador. Assim, o surdo não consegue identificar com clareza qual é a fala de cada indivíduo, conseqüentemente, não compreendendo a mensagem.

Ressalta-se que as expressões faciais são prejudicadas, se compararmos a legenda oculta com a Língua Brasileira de Sinais (Libras), afetando assim o entendimento das entonações e significados complementares daquilo que está sendo dito.

A televisão que consegue chegar a mais lugares e pessoas do que qualquer outro veículo tem seus pilares anexados na voz e em imagens e quando não faz uso de janela de Libras e nem do recurso de legenda oculta, deixa o público surdo

¹⁷ O site da Globo *Play* pode ser acessado neste link: <https://globoplay.globo.com/jornal-do-almoco/p/5598/>.

isolado e excluído. Assim, a população surda não consegue absorver a informação de forma completa e satisfatória, uma vez que os canais televisivos abertos, como é o caso da RBS TV, atendem demandas de minorias como analfabetos, já que noticiam com imagens um fato, mas falham ao não possuir um intérprete de libras em todos os programas, sejam eles jornalísticos ou não.

Conforme Paternostro (1999) no telejornalismo o texto deve ser escrito para ser falado pelo narrador que passa a informação ao telespectador, que por sua vez, deverá ouvir a mensagem e entendê-la com clareza e facilidade. Os veículos eletrônicos de comunicação possuem a característica da instantaneidade, assim que recebem a informação precisam captá-la de uma só vez, caso isso não ocorra, a autora diz que o objetivo de quem informa, fracassa.

Com esta afirmação Paternostro (1999), deixa claro os cuidados e caminhos que a informação de qualidade na televisão precisa ter para ser repassada com excelência aos telespectadores. Porém, é válido observar que de nada adianta preocupações extremas e o máximo de detalhamento se estes mesmos cuidados forem direcionados somente a ouvintes.

Complementando as palavras da autora, caso o telespectador ouvinte e também o surdo não captar e receber a informação de uma só vez, o objetivo de quem informa, fracassa. Esta afirmação é válida, pois devemos pensar a comunicação e o jornalismo para todos, não somente para ouvintes, tampouco para surdos. A comunicação de qualidade deve trazer conteúdos que levarão informação para todos os públicos, sejam eles, cegos, surdos, ouvintes, e/ou analfabetos, promovendo a integração social e desenvolvimento pessoal.

O conteúdo apresentado no Jornal do Almoço não atende as necessidades de parte da sociedade. Ademais, quando um jornalista e/ou imprensa de qualquer meio de comunicação noticia algo é necessário que tenha em mente os conceitos de acessibilidade, as funções sociais do jornalismo, assim como as leis e documentos que regulam a função do jornalista.

Ainda é válido lembrar a Portaria Nº - 310, de 27 de junho de 2006, divulgado no Diário Oficial da União pelo Ministro das Comunicações, já descrita neste trabalho. A portaria estabelece que é preciso buscar maneiras de tornar os produtos audiovisuais acessíveis aos surdos.

Ao fim da análise do JA é necessário avaliar o conteúdo apresentado pelo Jornal da Cultura (JC1), da TV Cultura. O programa que possui janela de Libras e a possibilidade de acionar o *closed caption* se propõe a levar conteúdo também para os surdos.

O JC1 é apresentado por dois apresentadores e logo nos primeiros minutos do programa do dia 23/09/19 uma janela de Libras no canto inferior direito aparece quando os âncoras cumprimentam o telespectador. Mesmo sendo assistido pelo portal da TV Cultura na internet, é possível acionar a legenda oculta. Em meio a assuntos como política, polícia e saúde a apresentadora dá visibilidade a comunidade surda quando fala que naquela semana se comemora a acessibilidade surda e a Língua Brasileira de Sinais. O jornal transmite informações variadas, mas se mante durante três minutos e onze segundos em uma reportagem sobre os surdos. Nesta matéria também foi falado sobre a importância da intérprete de Libras e como a TV Cultura produz conteúdo voltado a este público.

O assunto sobre surdez e Libras continua por mais seis minutos e doze segundos em uma entrevista com um pedagogo e intérprete de Libras. Além disso, mais uma matéria sobre artes e Libras é exibida. Assim, é possível notar que o jornal que teve a duração de quarenta minutos e dezessete segundos dedicou mais de dez minutos somente para assuntos como surdez, Libras e acessibilidade. Contemplando a comunidade surda minimamente.

Nos dias que seguem a janela de Libras continua, assim como a disponibilidade da legenda oculta. Os ângulos e enquadramentos das matérias são geralmente planos americanos e gerais. No dia 24/09 o programa teve a duração de quarenta e um minutos e quarenta e dois segundos e nele pode-se constatar que a legenda oculta ou *closed caption* não é fidedigna ao que está sendo dito, já que em uma situação de entrevista o apresentador ao se despedir do entrevistado, dá “boa

tarde” e na legenda é escrito “batalhão” ao invés do cumprimento. Ademais, não há nenhuma indicação quando a fala muda uma pessoa para outra.

No Dia Nacional do Surdo, 26/09, o JC1, mostrou diversas ações culturais voltadas à população com perda auditiva. Além disso, um teatro interpretado em Libras foi apresentado no estúdio do programa que foi finalizado com quarenta e um minutos e dois segundos. Nos dias 25/09 e 27/09 os assuntos apresentados foram variados e os recursos de acessibilidade estiveram presentes. Nestes dias o tempo de duração de cada jornal foi de: quarenta e um minutos e oito segundos e quarenta e um minutos e cinquenta e nove segundos, respectivamente.

Quadro 1 – Quadro de sistematização:

Emissora	Edição	Acessibilidade na edição	Gênero mais abordado
RBS TV	24/09/2018	X	Entretenimento
	25/09/2018	X	Informativo
	26/09/2018	Janela de Libras durante uma reportagem	Informativo
	27/09/2018	X	Informativo e entretenimento
	28/09/2018	X	Entretenimento
	29/09/2018	X	Informativo
TV Cultura	23/09/2019	Janela de Libras e <i>closed caption</i>	Informativo
	24/09/2019	Janela de Libras e <i>closed caption</i>	Informativo
	25/09/2019	Janela de Libras e <i>closed caption</i>	Informativo
	26/09/2019	Janela de Libras e <i>closed caption</i>	Informativo
	27/09/2019	Janela de Libras e <i>closed caption</i>	Informativo

Fonte: Da autora (2019)

A partir do exposto, é possível concluir que pelo seu caráter educativo e público, o canal TV Cultura consegue transmitir conteúdos que cumprem com as premissas de acessibilidade. A janela de Libras e a legenda oculta disponível

representam um cuidado e preocupação com o público surdo que deveria ser implantado nas demais emissoras.

6.1 Percepções dos questionários

Um questionário online foi enviado aos quinze surdos que participam dos encontros da Associação de Surdos de Lajeado/RS (Asla). O convite foi feito por meio de um vídeo em Libras, produzido pela pesquisadora, e enviado aos participantes através do aplicativo *Whatsapp* via presidente da Asla. O estudo se propõe a verificar os hábitos de consumo televisivos dos surdos, para que fosse possível identificar as dificuldades e necessidades dos surdos no acesso à informação através do telejornalismo. O questionário esteve recebendo respostas em um período de treze dias, sendo que conseguiu quatro respostas.

Cinco das oito perguntas realizadas são objetivas ou de múltipla escolha. Foi realizado desta forma para facilitar a resposta dos surdos, que utilizam geralmente a Libras como forma de comunicação. O perfil dos participantes surdos da pesquisa pode ser visualizado abaixo:

Quadro 2 – Perfil dos respondentes:

Nome	Idade	Sexo	Grau de Surdez
Entrevistado 1	34	Feminino	Severa
Entrevistado 2	31	Masculino	Profunda
Entrevistado 3	22	Feminino	Total
Entrevistado 4	38	Feminino	Total e profunda

Fonte: Da autora (2019)

Dos quatro participantes da entrevista somente um assiste televisão regularmente e outros três assistem às vezes. Já que foi verificado que assistem TV, é questionado qual o recurso utilizado para compreender o que está sendo transmitido. Com as respostas é possível perceber que utilizam a legenda oculta ou *closed caption*. Um dos entrevistados ainda diz que prefere legenda à janela de Libras: “Gosto quando tem o *closed caption* pra acompanhar o que estão falando...

porque com a intérprete na TV é muito rápida e eu não consigo acompanhar. Prefiro legenda.” - Entrevistado 4.

Quando questionados sobre o funcionamento de um telejornal a resposta ficou dividida, sendo que dois disseram saber o que é e como funciona e dois disseram não saber. Mesmo assim, questionamos quais telejornais eles assistem e as respostas foram as seguintes:

“Leio de jornal independente” – Entrevistado 1;

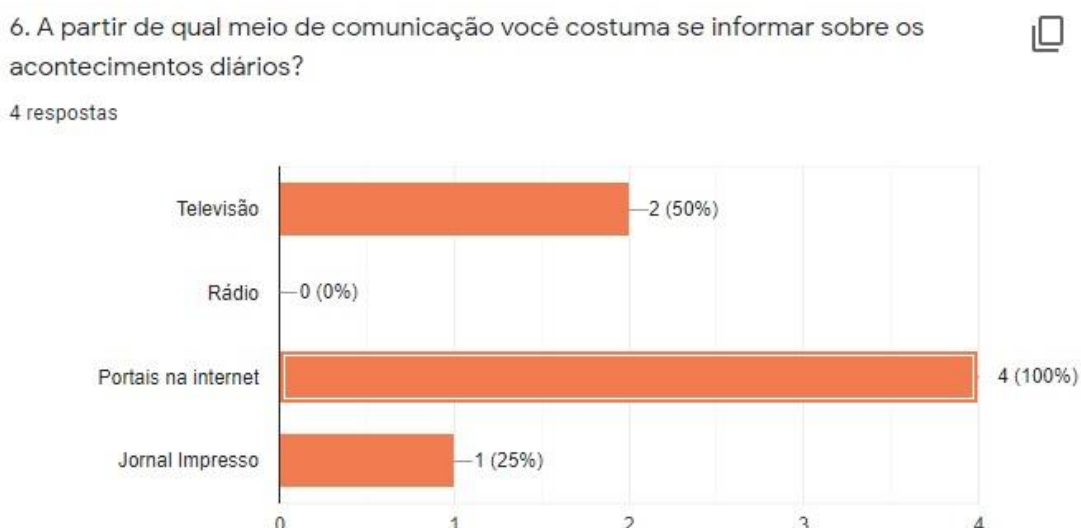
“Jornal Globo” – Entrevistado 2;

“Depende o assunto” – Entrevistado 3;

“Jornal Nacional, Fantástico, Globo Repórter e também na Band ou Record” – Entrevistado 4.

É perceptível até aqui, que para informar-se, quando há a disponibilidade da legenda oculta, os entrevistados possuem preferência a esta ferramenta. Sobre quais meios de comunicação utilizam no dia a dia para informar-se, os portais na internet se destacaram entre os respondentes:

Figura 24 – Gráfico com resultados das respostas obtidas no formulário do Google



Fonte: Imagem capturada pela autora (MASSONI, 2019) do formulário Google criado pela pesquisadora.

Apesar dos entrevistados afirmarem que assistem televisão às vezes ou regularmente com a ajuda de alguns recursos como o *closed caption*, quando questionados se compreendem tudo que é dito em programas televisivos, dois responderam que não entendem tudo e dois responderam que entendem.

A entrevistada 4, que disse não compreender tudo o que é dito na televisão, e que também disse que prefere *closed caption* a intérprete de Libras, afirma que “O *closed caption* muitas vezes falha e assim perco as informações...mas só as vezes acontece”.

Com as respostas coletadas, apesar de uma amostragem pequena, é possível perceber que os portais na internet são aliados para que os surdos respondentes se informem sobre os acontecimentos diários. Ainda assim, os surdos também assistem à televisão e fazem uso da legenda oculta quando ela está disponível, mas nem sempre entendem completamente o que é dito. Uma das surdas diz que a intérprete de libras é muito rápida o que dificulta o entendimento e que a legenda às vezes falha.

Portanto, é possível dizer que para que o surdo se informe com qualidade pela televisão seria necessário os recursos de janela de libras e legenda oculta, pois quando um falha, há o outro modo para garantir a compreensão, ou seja, um sistema completo e que trabalhe de forma mais segura e eficaz é uma necessidade percebida.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das pesquisas e análises realizadas neste trabalho é possível identificar que nem sempre a função social do jornalismo é respeitada. Ao utilizar a televisão, um meio presente e ainda atual em nossa sociedade, o telejornalismo pode e tem o dever de buscar a democratização ao acesso e integração dos indivíduos na sociedade, porém conforme visto nas análises, nem sempre é o que acontece.

Como já mencionado, o *Closed Caption* é uma legenda automática, que passa rapidamente, no canto inferior da tela da televisão. As falas dos locutores são descritas em frases de forma contínua, mesmo que não seja mais o mesmo orador. Assim, o surdo não consegue identificar com clareza qual é a fala de cada indivíduo, conseqüentemente, não compreendendo a mensagem. Já a janela de Libras que traz um intérprete, geralmente no canto inferior direito da tela, traduz o que está sendo dito ao telespectador surdo. O intérprete, ainda que rapidamente, consegue trazer a entonação dos assuntos nas expressões faciais, que são importantes na Libras, já que a língua não se detém somente aos sinais, mas sim a um conjunto de elementos que garantem a compreensão total do que é falado.

A televisão que consegue chegar a mais lugares e pessoas do que qualquer outro veículo tem seus pilares anexados na voz e em imagens e quando não faz uso de janela de Libras e nem do recurso de legenda oculta, deixa o público surdo isolado e excluído. Assim, a população surda não consegue absorver a informação de forma completa e satisfatória, uma vez que os canais televisivos abertos, como é

o caso da RBS TV, atendem demandas de minorias como analfabetos, já que noticiam com imagens um fato, mas falham ao não possuir um intérprete de libras em todos os programas, sejam eles jornalísticos ou não.

Com a descrição do material midiático da RBS TV, foi possível visualizar no dia 26/09/2018, dia Nacional do Surdo, uma reportagem sobre os surdos. Nesta matéria a repórter ressalta que a preocupação era fazer com que todos entendessem o que estava sendo dito. Dessa forma, foi utilizada a janela de Libras. Como mencionado pela própria âncora do jornal, o material foi produzido para mostrar que é possível construir uma sociedade com mais acessibilidade e inclusão. No entanto, o programa se contradiz, já que ao fim da matéria a janela de Libras desaparece. Assim, tem-se a impressão de que somente no dia em que se comemora as lutas dos surdos se faz necessário uma programação acessível, e ainda, somente quando eles são o assunto principal.

Como já evidenciado, o Jornal da Cultura que tem seu caráter educativo e público, consegue transmitir conteúdos que cumprem com as premissas de acessibilidade. A janela de Libras e a legenda oculta disponível representam um cuidado e preocupação com o público surdo que deveria ser implantado nas demais emissoras. Além disso, o programa da TV Cultura alcança o conceito de acessibilidade na prática já que dá acesso e proporciona condições iguais, assim como inclusivas a toda população, sem discriminar e/ou excluir surdos ou ouvintes, por exemplo.

Ainda, na descrição e análise do material midiático é possível perceber que na semana do surdo, conteúdos de diversos gêneros: informativo, de entretenimento, esportivo e outros, foram citados pelas duas emissoras, porém sobre surdos efetivamente, somente no dia 26/09/2018, foi transmitida a reportagem com recurso de janela de Libras no Jornal do Almoço. No Jornal da Cultura, por mais que possuam recursos de legenda oculta e janela de Libras, os surdos foram abordados somente nos dias 23/09/2019 e 26/09/2019.

Ademais, com o questionário aplicado aos surdos foi possível identificar seus hábitos televisivos, compreendendo que ao assistir programas telejornalísticos,

possuem a preferência pela legenda oculta. Ainda que somente quatro participantes da Asla tenham respondido ao questionário, é possível verificar também que mesmo com o *closed caption* há uma dificuldade na compreensão das informações. Dessa forma o trabalho conseguiu confirmar a hipótese inicial de que a legenda oculta não é fidedigna ao que está sendo dito e que isto traz prejuízos à informação. Ainda vale mencionar que a baixa adesão ao questionário é percebida pela dificuldade que os surdos possuem de ler, interpretar e responder em português, já que costumam usar a Libras como língua principal para comunicarem-se.

Portanto, conclui-se que é o ideal é que as duas ferramentas, janela de Libras e *closed caption*, estejam disponíveis, pois juntas conseguem garantir o entendimento total, deixando também o telespectador surdo livre para escolher qual recurso irá melhor atendê-lo, de acordo como suas particularidades.

Além disso, todos os objetivos foram alcançados e a pesquisa cumpre seu papel ao entender que a comunicação não pode ser pensada somente para ouvintes. É necessário fazer jornalismo e comunicação para todos, não somente para ouvintes, tampouco para surdos. O entendimento e a constatação de que emissoras de televisão aberta comerciais e até mesmo cursos de jornalismo espalhados pelo país pensam somente em comunicação para ouvintes é uma dos principais ganhos desta pesquisa.

Com a análise é possível perceber que para que a população surda possa assistir, entender e propagar o que é transmitido na televisão é preciso que os jornalistas não pensem somente na lucratividade, mas também na acessibilidade de seus produtos. Além disso, diante da tecnologia conhecida atualmente e da digitalização da televisão é irônico constatar que as emissoras ainda não conseguiram incluir pessoas e grupos em suas grades de programação, ou então, quando apresentam algum recurso, como o *closed caption*, este apresenta falhas.

Ainda, é relevante destacarmos, conforme já apresentado nesta pesquisa, que o direito à informação é assegurado na Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988 e na Declaração dos Direitos Humanos de 1948. A Ancine também orienta a inclusão e acessibilidade em produtos midiáticos, assim como o Código de

Ética dos Jornalistas. Diante disso, não é compreensível e tão pouco aceitável constatar que ainda hoje minorias sejam excluídas.

Cabe ressaltar ainda que esta pesquisa não determina o fim das investigações sobre esse assunto, mas sim, é uma discussão propositiva para futuros estudos. Em razão disto, pode-se afirmar que a comunicação de qualidade deve trazer conteúdos que levarão informação para todos os públicos, sejam eles, cegos, surdos, ouvintes, e/ou analfabetos, promovendo a integração social e desenvolvimento pessoal. Somente assim conseguiremos alcançar e dar de fato em nossas telas, um “bom dia” e “boa noite” para todos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Sérgio Tibiriça; SOUZA, Mariana Custódio. **O direito de ouvir com os olhos nas TVs brasileiras de sinal aberto**. Revista Intertemas. São Paulo: Vol 12, p.357-386. 2002. Disponível em: <<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/INTERTEMAS/article/view/740>>. Acesso em: 02 dez. 2018

ANDRADE, Bruna Santos de Almeida; WEBER, Maria Helena. **O impeachment na televisão pública: pluralidade e diversidade?**. Revista ABTU TV Universitária + TV Pública. São Paulo: Vol 5, 2018. Disponível em: < https://fd90c528-89f2-45d9-a1b5-2f59fca533a3.filesusr.com/ugd/cdee4f_2464c0baf91a48f9b666205981e861ce.pdf >. Acesso em: 18 nov. 2019.

ARAÚJO, Gilvan Ferreira de. **Telejornalismo: da história às técnicas**. [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2017.

ARAÚJO, Valéria Maria Vilas Boas. **TV Pública no Brasil: história, regulamentação e a criação da TV Brasil**. Colóquio Internacional Televisão e Realidade. Bahia: 2008. Disponível em: < <http://www.tverrealidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Valeria%20Vilas%20Boas.pdf> >. Acesso em: 04 nov. 2019.

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BALOGH, Anna Maria. **Poética da imagem e TV: vinhetas de abertura e encerramento em programas ficcionais brasileiros**. Revista Rumores, v. 9, n. 17. São Paulo: 2015. Disponível em: < [file:///C:/Users/Vanessa/Downloads/88630-Texto%20do%20artigo-177997-1-10-20150810%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Vanessa/Downloads/88630-Texto%20do%20artigo-177997-1-10-20150810%20(2).pdf) >. Acesso em: 26 set. 2019.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de Jornalismo para Rádio, TV e Novas mídias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002. - 6ª reimpressão

BARBOSA, Gabriela Lapa Teles; MÜLLER, Karin. Produção de conteúdo acessível para surdos na web: análise do canal de vídeos Ôxê. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação** Intercom, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 153-165, mai./ago.2018. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2416/2183>>. Acesso em: 05 set. 2019.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de tv**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005. Disponível em: <<http://www.univates.br/biblioteca>>. Acesso em: 04 dez. 2018.

BONA, Nivea Canalli. **Jornalismo na sociedade** [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2017.

BONNER, William. **Jornal Nacional: modo de fazer**. São Paulo: Globo, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1997.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <<https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2018.

_____. Agência Nacional do Cinema. **Instrução normativa nº 116 de 18 de dezembro de 2014**. Dispõe sobre as normas gerais e critérios básicos de acessibilidade a serem observados por projetos audiovisuais financiados com recursos públicos federais geridos pela ANCINE. Disponível em: <<https://www.ancine.gov.br/pt-br/legislacao/instrucoes-normativas-consolidadas/instrucao-normativa-n-116-de-18-de-dezembro-de-2014>>. Acesso em: 05 set. 2019.

_____. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm> Acesso em: 05 set. 2019.

_____. **Portaria n. 310, de 27 de junho de 2006.** Dispões sobre a aprovação da norma complementar n. 01/2006. Disponível em: <
<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=34&data=28/06/2006>>. Acesso em: 04 nov. 2019.

BUCCI, Eugênio. **É possível fazer televisão pública no Brasil.** São Paulo: CEBRAP, nº 88, 2010. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002010000300001&lang=pt > Acesso em: 18 nov. 2019.

CARVALHO, Alexandre [et al.]. **Reportagem na TV:** como fazer, como produzir, como editar. São Paulo: Contexto, 2010.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012-. ISSN 0104-3145. Disponível em: <
https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religioao_deficiencia.pdf >. Acesso em: 17 jun. 2019.

CHEMIN, Beatris Francisca. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos:** planejamento, elaboração e apresentação. 3. ed. Lajeado: Univates, 2015. E-book. Disponível em: <<http://www.univates.br/biblioteca>>. Acesso em: 04 dez. 2018.

DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; CAPORALI, Sueli Aparecida. **A Língua de Sinais Constituinte o Surdo como Sujeito.** Campinas: Scielo Educ. Soc., [online] 2005, vol.26, n.91, pp.583-597. ISSN 0101-7330. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a14v2691.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS – FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.** 2007. Disponível em: http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/08/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros-1.pdf. Acesso em: 04 dez. 2018.

FILHO, João Freire. **História da Televisão:** teoria e prática. Porto Alegre: IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa do Intercom, NP 07 – Comunicação Audiovisual, 2004. Disponível em: <
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/resumos/R0617-1.pdf> >. Acesso em: 11 de junho de 2019.

GALIAZZI, Maria do Carmo; DE FREITAS, José Vicente. (Org.) **Metodologias emergentes de pesquisas em educação ambiental.** 2ª ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

GESSER, Audrei. **Libras? que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de Pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais – 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

IHITZ, Greetchen Ferreira; DA CUNHA, Ricardo Ramos Carneiro. **TV Sul Programas**: Fragmentos Sobre a História da Televisão no Rio Grande do Sul. In.: XL Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Curitiba: Intercom, 2017. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0895-1.pdf>>. Acesso em 04 de junho de 2019.

JESUS, Jordane Trindade de.; RESENDE, Vitor Lopes. **A Televisão e sua influência como meio**: uma breve historiografia. Ouro Preto: 9º Encontro Nacional de História da Mídia, UFOP, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/a-televisao-e-sua-influencia-como-meio-uma-breve-historiografia>>. Acesso em: 11 jun. 2019.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Orgs). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Fazer Jornalismo)

LEAL, Plínio Marcos Volponi. **Um olhar histórico na formação e sedimentação da TV no Brasil**. Fortaleza: VII Encontro Nacional de História da Mídia, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Um%20olhar%20historico%20na%20formacao%20e%20sedimentacao%20da%20TV%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2019.

MOREIRA, Sonia Virginia. **Análise documental como método e como técnica**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Orgs.). **Método e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.

NUNES, Sylvia da Silveira; SAIA, Ana Lúcia; SILVA, Larissa Jorge; MIMESSI, Soraya D'Angelo. **Surdez e educação: escolas inclusivas e/ou bilíngues?**. Maringá: Scielo, 2015. Psicol. Esc. Educ. vol.19 nº.3. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000300537&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 17 jun. 2019.

ONU. **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS**. 1948. Artigo 19º, dispõe sobre o direito à liberdade de opinião e de expressão. Disponível em: <https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2018

OTTMAR, Teske...[et al.] **Sociologia da acessibilidade**. Curitiba: InterSaberes, 2017. [livro eletrônico] Disponível em: <<http://www.univates.br/biblioteca>>. Acesso em: 04 dez. 2018

PATERNOSTRO, Vera Ísis. **O Texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, Campus, 1999.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2ª reimpressão, 2008.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha (Org.). et al. **Libras**: conhecimento além dos sinais. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

PONTES, Amanda Ferretti Automare. **Os meios de comunicação e qualidade de vida**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/AmandaPontes.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2019.

QUADROS, de Muller Ronice. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, MEC, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>>. Acesso em: 22 nov.2018.

ROCHA, Liana Vidigal. **A história da TV Cultura em quatro fases**: de 1969 a 2006. I Encontro de História da Mídia da Região Norte: Universidade Federal do Tocantins – Palmas, out. de 2010. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/noticias-dos-nucleos/artigos/A%20historia%20da%20TV%20Cultura%20em%20quatro%20fases%20de%201969%20a%202006.pdf>>. Acesso em: 04 de nov. 2019.

ROCHA, Paula Melani; SILVA, Gisele Barão da. Newsmaking: um olhar para os processos de produção jornalística. In: NICOLATO, Roberto (Org.). **Teorias do Jornalismo**. Curitiba: InterSaberes, 2019. P. 215- 253. [livro eletrônico]. Disponível em: < <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/171288/pdf> >. Acesso em: 18 nov. 2019.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. **Cultura e identidade surdas**: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. Educ. Soc., Campinas , v. 26, n. 91, p. 565-582, ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000200013&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em 27 nov. 2018.

SANTOS, Pablo Victor Fontes; LUZ, Cristina Rego Monteiro. **História da televisão**: do analógico ao digital. São Paulo: Revista Inovcom, vol. 4, nº 1, 2013. Disponível em:<<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/a-televisao-e-sua-influencia-como-meio-uma-breve-historiografia>>. Acesso em: 11 de junho de 2019.

SANTOS, Raphaela da Costa Moreira Azevedo dos; SANTOS, Fabiana Crispino. **Televisão e acessibilidade:** o uso de recursos de inclusão para o surdo no telejornal brasileiro. Revista Anagrama. São Paulo: Vol 2, julho a dezembro. 2016. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/118033>>. Acesso em: 27 nov.2018.

SAUSSURRE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo : Cultrix, 2006. E-book. Disponível em: < <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2016/04/saussurre-curso-de-linguistica-geral.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de M. **Aprender telejornalismo:** produção e técnica. 2ª reimpr da 2ª ed. de 1993. São Paulo: Brasiliense, 2004.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.

TORVES, José Carlos. **Televisão Pública**. Porto Alegre: Evangraf Ltda., 2007.

APÊNDICE

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO

QUESTIONÁRIO PARA ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE LAJEADO (ASLA)

Idade: _____

Sexo: () Feminino () Masculino

1. Qual é o seu grau de surdez?

2. Você assiste televisão?

() Sim () Não () Às vezes

3. Se você assiste TV, qual é o recurso que utiliza para entender o que está sendo transmitido?

4. Você sabe o que é e como funciona um telejornal?

() Sim () Não () Talvez

5. Qual telejornal você assiste?

Telejornal: _____

Emissora: _____

6. A partir de qual meio de comunicação você costuma se informar sobre os acontecimentos diários?

() Televisão () Rádio () Portais na internet () Jornal Impresso

() Outros: _____

7. Você compreende tudo o que é dito na televisão?

() Sim () Não

8. Se a resposta anterior for negativa, para você, o que é preciso para que consiga entender perfeitamente e completamente o que é exibido na televisão?
